



Um navio porta-aviões do tipo escolta, combinação de poder aéreo e naval dos EE. UU., cuja eficiência está se revelando nas operações dos aliados no Pacífico

# EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 4

O ALMIRANTE NIMITZ





# O Sacrifício de Vidas pela Paz Mundial

## UM DOLOROSO E INESCAPÁVEL TRIBUTO

“O SECRETÁRIO DA GUERRA pede-me expressar seu profundo pesar . . .” Estas trágicas palavras são atualmente lidas em muitos lares nos Estados Unidos. E' uma expressão de pesar que parte não somente em nome do Exército, mas também em nome da Marinha. E' a forma inicial das mensagens que em número crescente levam aos lares envoltos em profunda mágoa, às mães, aos pais ou às esposas, a comunicação oficial da morte do ente querido no cumprimento do dever. Mais eloquentemente que qualquer descrição de batalha dizem do tributo exarado em vidas humanas para a consolidação de um mundo futuro de paz e liberdade.

Em pouco mais de três anos de guerra, nos Estados Unidos, foram estas sinceras expressões do sentimento oficial apresentadas aos parentes mais próximos de quase 115.000 soldados, marinheiros e fuzileiros navais mortos no serviço da pátria. E o total aumenta continuamente cada dia que as forças aliadas se aproximam mais e mais dos derradeiros bastiões de defesa do inimigo, na Alemanha e no Japão.

Mas apesar da tragédia que estas cifras representam, descrevem apenas uma parte do sofrimento e dos sacrifícios experimentados em tôdas as frentes de batalha — nas sangrentas praias insulares do Pacífico, nas selvas úmidas e ardentes dos trópicos, nas montanhas nevadas da Itália e nos campos congelados da Europa. No mesmo período, um total aproximado de 415.000 combatentes norte-americanos foram feridos ou desapareceram em combate, e quase 65.000 outros foram feitos prisioneiros. O maior número dessas baixas registado em qualquer período de trinta dias da guerra foi infligido durante a contra-ofensiva nazista levada a efeito em fins de 1944.

Ao lançarem o ataque contra um dos setores das forças norte-americanas que até então se achavam relativamente inativos na frente ocidental, as

tropas alemãs, com momentânea superioridade de recursos locais, conseguiram abrir uma brecha em direção ao Luxemburgo e à Bélgica. Neste rápido episódio ficaram assinalados alguns dos mais brilhantes capítulos de coragem e heroísmo por parte de simples soldados da infantaria americana que se mantiveram firmes, combatendo e morrendo para rechazar o inimigo na sua abrupta investida.

Novas provas de extraordinária bravura e inabalável sentimento de combate ficaram gravadas em sangue nesse período de trinta dias, de tremenda luta que ocasionou tantas baixas. Houve, por exemplo, o caso da guarnição americana de Bastogne, na Bélgica.

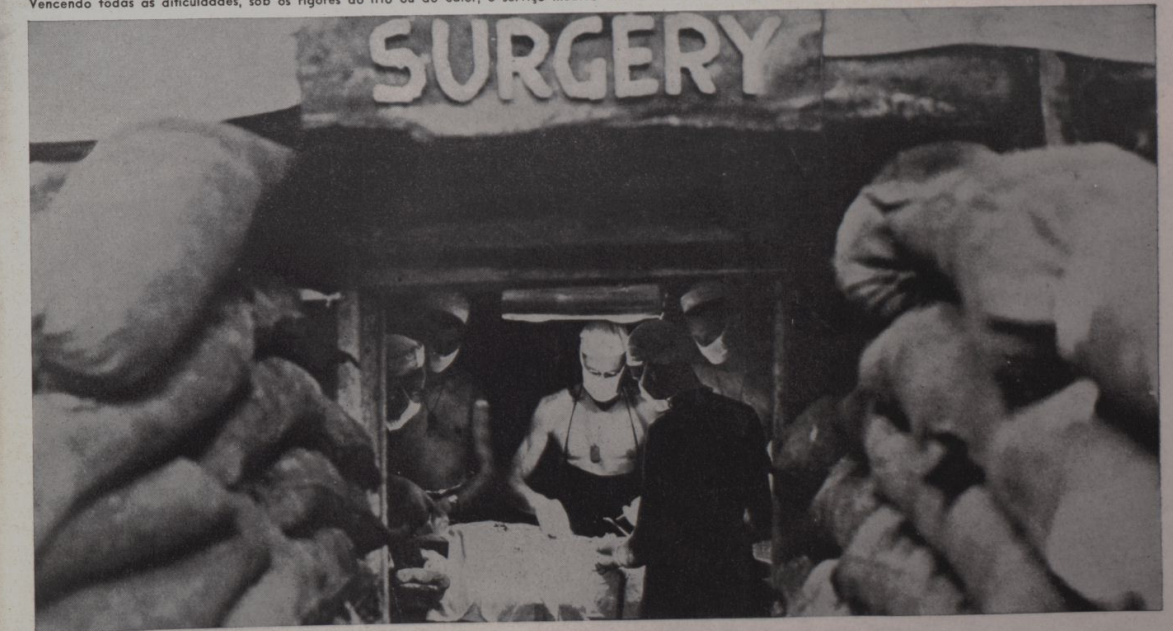
Durante nove dias um grupo de valentes guerreiros mostrou a sua determinação de repelir sistematicamente os repetidos assaltos dos adversários nazistas. Assediados pelo incessante tiroteio, esses combatentes cujo número ia se reduzindo dia a dia, jamais esmoreceram na consciência da sua estratégica situação, dominando sete estradas vitais e uma linha de viação férrea que se irradiavam para fóra da cidade. Cada um desses combatentes sabia que se arriscava à morte certa pelas balas e bombas do inimigo ou pelo intensíssimo frio. Mas também sabiam que o avanço alemão encontraria uma decisiva barreira se conseguissem manter a sua posição retendo aquelas indispensáveis vias de comunicação. E assim, completamente cercados, resistiram a todos os ataques do inimigo, subsis-

(Continúa)



Para tôdas as famílias dos combatentes, a notícia de ferimento ou de morte chega sempre por telegrama

Entre lágrimas mal contidas por um sorriso, esta mãe norte-americana (à esq.), beija o filho que regressa ferido da frente de batalha. Ao lado está o pai. Em baixo: Vencendo tôdas as dificuldades, sob os rigores do frio ou do calor, o serviço médico militar vái salvando a vida a noventa e sete por cento dos feridos de guerra



EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como impresso de segunda classe na repartição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano 4, Número 4. Copyright 1946 by Business Publishers International Corporation—Propriedade literária registada em 1944 pela Business Publishers International Corporation.



tindo com magros abastecimentos: que lhes eram lançados por aviões americanos; atirando dia e noite com a sua restante artilharia e repudiando um ultimato nazista para que se rendessem. Depois desta épica resistência, chegaram finalmente outras colunas de tropas americanas para reforçar o setor e salvar os heróis restantes daquela memorável defesa.

Houve ainda a pequena "coluna Hogan", composta de 400 homens sob o comando do Tenente-Coronel Samuel Hogan, cuja obstinada resistência assumiu proporções de verdadeira lenda, nas cercanias de Marche, também na Bélgica. Depois de terem sido dados como desaparecidos, conseguiram romper inúmeros obstáculos num percurso de 15 quilômetros em florestas infestadas pelos alemães, debatendo-se em constantes recontros com o inimigo, cuja superioridade numérica era de centenas contra um.

Essa coluna, avançando, lutando, recuando, negaceando, desorientou o inimigo de tal maneira que este não pôde cortar-lhe efetivamente a retirada. Quando seus veículos ficaram esgotados de combustível, sua guarnição entrincheirou-se num ponto elevado e manteve-se enviando constantes informações pelo rádio, orientando a artilharia americana que se achava a 15 quilômetros de distância. Os soldados dessa coluna também se recusaram a depor suas armas, rendendo-se ao inimigo, apesar da certeza de aniquilamento que os aguardava. Conservaram-se sem o menor desfalecimento, dirigindo o fogo da artilharia contra as concentrações de tropas nazistas, desbaratando-lhes as fileiras e impedindo a sua ação no contra-ataque planejado. E depois dessa proveitosa tática, os sobreviventes, vendo que não mais podiam utilizar seus veículos, inutilizaram-nos e, num arroubo de audácia, na escuridão da noite, atravessaram engatinhando as linhas alemãs, pondo-se finalmente a coberto do perigo.

### Outros exemplos

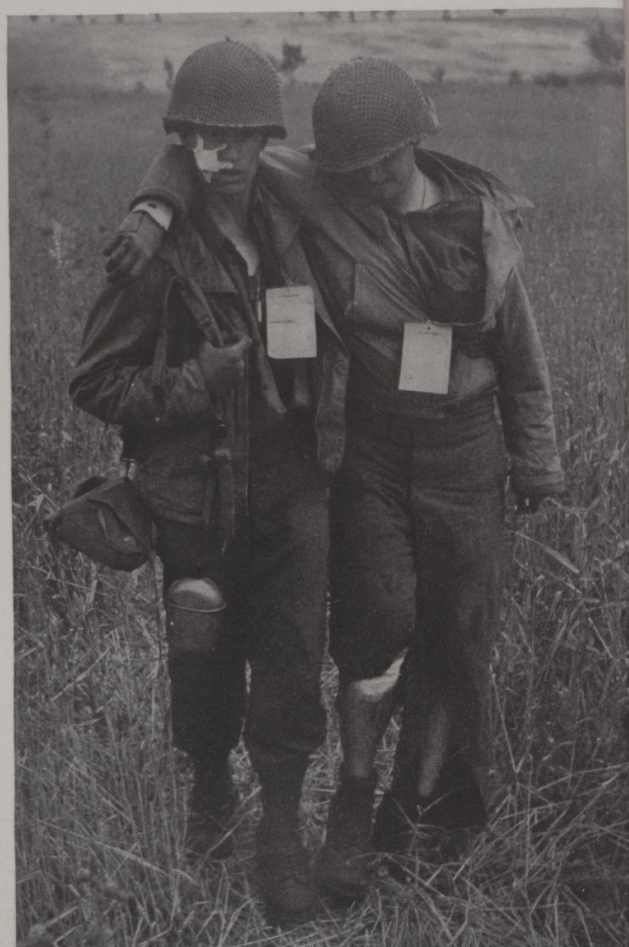
Num outro setor, empregados, cozinheiros e mecânicos do comando das forças de artilharia reuniram-se à infantaria numa tremenda e heróica luta de sete dias para contrapor ao ataque do inimigo.

"Foi a primeira vez," declarou o ajudante do batalhão, "que esses homens fizeram fogo contra o inimigo; não obstante, portaram-se como verdadeiros veteranos da linha de fogo. Orgulho-me deles."

Um dos padioleiros do corpo de saúde salvou um soldado de infantaria e permaneceu ao seu lado durante todo avanço das tropas alemãs. Apesar da tremenda tempestade de neve e da falta de abrigos, ambos conseguiram escapar através das florestas das Ardenas, indo encontrar-se finalmente com a sua divisão que rechazou os nazistas. Entre o pessoal do corpo de saúde foram inúmeras as provas de abnegação e heroísmo durante o incessante fogo da artilharia alemã. Enfermeiros, padioleiros e demais auxiliares mantiveram-se em seus postos, atendendo aos feridos, ministrando remédios e satisfazendo a todos os chamados.

Enquanto se registavam estes atos de decidida repulsa aos ataques lançados pelas tropas nazistas, nas frentes de batalha na Europa, onde os rigores do inverno aumentam os sacrifícios enfrentados pelos combatentes, a lista das baixas aumentava também na outra frente de combate, nas

(Continúa)



Dois combatentes americanos, feridos na frente italiana, ajudam-se mutuamente a caminho do hospital de sangue mais próximo. Em baixo: Feridos norte-americanos na luta para a captura da cidade alemã de Aachen, ao serem colocados numa ambulância que os conduz ao hospital de sangue e daí para o hospital seccional. Nos casos de tratamento mais prolongado, são removidos para os Estados Unidos



Com o rosto e os braços envoltos em ataduras, repousando numa maca, um soldado americano assiste à missa numa igreja da ilha de Leyte, nas Filipinas

Durante a festa oferecida aos feridos de guerra, no Palácio de Buckingham, em Londres: aviadores americanos e ingleses comentando seus feitos aéreos







Quando a luta se prolonga no litoral e não há garantias para estabelecer um hospital de sangue, os feridos são removidos para os navios-hospitais

Feridos americanos, procedentes dos campos de batalha, ao serem removidos de um trem-hospital. As ambulâncias os transportarão para os hospitais



Filipinas. Ali, forças de terra e mar e aéreas empenhavam-se encarniçadamente numa luta sem tréguas, no firme propósito de vingar as perdas sofridas antes em Batúm e Corregidor, nas mãos dos japoneses. Ainda estavam bem vivas na memória de todos, os horrores praticados pelo inimigo contra os vencidos, como as atrocidades da macabra "marcha da morte", imposta pelos japoneses.

Na luta no Pacífico, na órbita de ação contínua desde as ilhas e Salomão até o arquipélago das Filipinas, também estavam sendo marcados em sangue os maiores atos de heroísmo praticados pelos combatentes americanos numa guerra anfíbia de contínuas surpresas, em que além do inimigo a enfrentar sobressai a grande dificuldade natural do terreno a conquistar em cada ilha. A avançada contra Luzón elevou a novos marcos a escala das baixas sofridas, devidas aos combates propriamente e a outros fatores, como os formidáveis temporais que assolam periódicamente a região. Num desses verdadeiros tufões três destróiers foram ao fundo, com numerosas perdas de homens das suas guarnições.

A mesma coragem necessária para vencer batalhas em campo raso tem sido também demonstrada por aqueles que se arriscam nos navios caçaminas, para limpar as rotas indispensáveis ao transporte de reforços de tropas e de material bélico; por aqueles que voluntariamente formam os

grupos cuja missão é destruir todos os impecilhos e armadilhas que o inimigo costuma colocar sob o nível do mar perto das praias. Esta é uma missão arriscadíssima, que exige extremo denodo, pois faz-se mister mergulhar mesmo sob o fogo do inimigo, para cortar arames e cabos submergidos. Há ainda o inestimável concurso dos pilotos aviadores que se arriscam intemeratos, em contínuos vôos picados, direito contra os canhões inimigos, para destruí-los a todo custo; de não menor bravura e abnegação é a participação dos já famosos "batalhões de construção", núcleos de mestres de todos os ofícios, construtores de aeródromos, de linhas de defesa e fortificações, mas que estão sempre prontos para, de um momento para outro, trocarem suas ferramentas pelas armas de ataque e de defesa contra o inimigo que os surpreende de emboscada.

Todos estes elementos humanos da guerra moderna representam o ativo com que é preciso contar para a vitória. Mas esta não se alcança sem as perdas inevitáveis. É um tributo em vidas que o público norte-americano está sentindo, em face das provas que não cessam de se manifestar em toda a sua trágica evidência.

Depois de decorridos mais de três longos anos de intensa luta em todas as frentes, os feridos que regressam dos campos de batalha enchem os hospitais, ao passo que a campanha continua a exigir novos reforços.

**A singela** cerimônia da entrega, pelo Presidente Roosevelt, ao soldado Lloyd C. Hawks, da Medalha de Honra, por haver, apesar de ferido e com risco da própria vida, salvo três companheiros de armas durante a campanha italiana. Sua sobrinha Phyllis, do Corpo Auxiliar Feminino da Marinha, ajusta no pescoço a fita da medalha





# CHIMBOTE

## UMA ANSIADA FASE INDUSTRIAL NO PERÚ

**C**HIMBOTE é um pequeno povoado a 640 quilômetros de Lima, a capital peruana. Viveu durante muitos anos uma existência apazível, encerrado entre os picos andinos e a costa do Pacífico. Nada parecia turbar a invariável e prosaica atividade de seus agricultores e pescadores.

Mas subitamente, eis que um sopro de modernismo sacudiu aquele pachorrenho ambiente, e hoje seu tradicional sossego é interrompido pelo constante ruído das escavadeiras mecânicas e das explosões de dinamite.

O povoado inteiro e a região que o cerca passa rapidamente da etapa agrícola para a era industrial. Três novas fontes de riqueza — carvão, ferro e força motriz — farão de Chimbote um importante centro industrial e abrirão ao Perú um novo e amplo horizonte industrial. Irá assim depender menos das importações e, ao mesmo tempo, criar novos empregos, aos milhares, para a sua mão de obra e diversificar a economia nacional.

Gigantescos veios carboníferos jazem nas altas montanhas que se elevam magestosamente ao norte e a leste do povoado. Destas minas, uma linha férrea de bitola estreita zigzagueia num percurso sobre terreno acidentado, até o vale do rio Santa e daí a Chimbote.

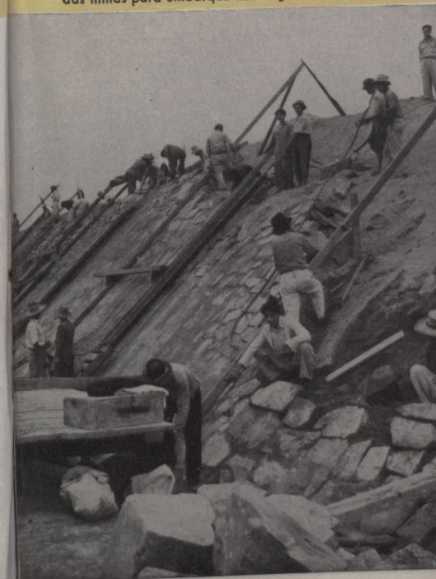
A força motriz será produzida logo que estiverem represadas as águas torrenciais do rio Santa. As jazidas de ferro estão situadas a maior distância, a coisa de 1.300 quilômetros ao sul, mas tão próximo do mar que será fácil transportar o minério em chatas até Chimbote.

Os trabalhos de construção da represa, base principal do desenvolvimento industrial local, já foram iniciados. Mas não constituem idéia nova. Há muito tempo que se considerou o manancial das águas do rio Santa como um verda-

**Poucos** viajantes visitavam a pitoresca baía de Chimbote, no Perú. Mas hoje, com a exploração de seus grandes depósitos de ferro e carvão, Chimbote é um dos mais ativos centros industriais da progressiva nação peruana. Em baixo: Trabalhadores abrindo um canal para eliminar, pela drenagem, os focos de mosquito que constituem o perigo de impaludismo na região, agora sendo saneada



**Estas** muralhas, construídas com pedras de rejeição, facilitarão a descarga do carvão extraído das minas para embarque nos vagões ferroviários



deiro tesouro, uma vez captadas e convertidas para a produção de força elétrica. Certo dia, antes da primeira guerra mundial, um jovem engenheiro peruano, ao passar pelo perigoso e profundo grão Del Pato, teve curiosidade de medir a profundidade na vertente do rio. Depois de caminhar vários quilômetros, consultou seu barômetro aneroide, e custou a acreditar o que via. Para comprovar a leitura do instrumento, tornou ao ponto de partida, obtendo novamente o mesmo resultado: um declive de 500 metros num percurso de 10 quilômetros apenas. Compreendeu imediatamente que ali estava um potencial de força suficiente para movimentar turbinas e produzir eletricidade bastante para um gigantesco parque industrial. Hoje, nesse mesmo desfiladeiro do vale do Santa, ergue-se um acampamento denominado "Hidroelétrico" pelos seus 700 moradores. São eles os trabalhadores que estão construindo sobre a rocha viva uma obra que trará incalculáveis benefícios para a sua pátria. Vários edifícios já estão de pé: um hospital, uma escola, oficinas e treze habitações que alojarão em futuro não muito distante, o pessoal que ficará a cargo da grande usina de energia elétrica. Está projetada a instalação de cinco geradores, cada um com capacidade de produzir 25.000 quilovátios, esperando-se estejam prontos para começarem a prestar seus ansiados serviços ainda em fins do corrente ano.

Chimbote transforma-se simultaneamente de aldeia agrícola que era em importante porto de mar. Numerosos auto-caminhões lançam nas águas do Pacífico toneladas e toneladas de pedras extraídas a dinamite e a máquina nas imediações do povoado. Dentro em pouco, o promontório artificial assim construído avançará quase um quilômetro pelas águas da baía de Chimbote. Na sua extremidade será construído o cais de concreto, equipado com maquinaria moderna apropriada para o transporte de carvão e minério de ferro. Mediante estes métodos que permitem carregar 400 toneladas horárias, um navio que chegar ao anoitecer estará pronto para zarpar com o seu carregamento completo



**Os** banhados são regados a querosene para combater os focos de mosquitos

na manhã seguinte. Ademais, uma profundidade de 10 metros facilitará a atracação dos cargueiros ao cais.

Já está construído um cais menor, que se estende a uns 500 metros da costa, provido de quatro guindastes para uso nos cargueiros de menor calado. O Perú antes importava quase todo o carvão que consumia. Agora, depois dessa assombrosa transformação, já lhe foi possível exportar, em cinco meses, 18.000 toneladas da hulha para os países vizinhos. Quando a sua produção

anual atingir as 300.000 toneladas que se antecipam, o Perú terá também à sua disposição uma reserva de 90.000 toneladas de resíduos de carvão, meudo de mais para a exportação. Misturado com o breu, ter-se-á o coque que, por sua vez, servirá de combustível nos altos fornos e fundições que convergirão para Chimbote, a "cidade siderúrgica" do Perú. Já contando com o combustível suficiente, os engenheiros procederam a perfurações preliminares na zona de Marcona, ao sul de Chimbote, indicando que o terreno aloja milhões de toneladas de minério de ferro.

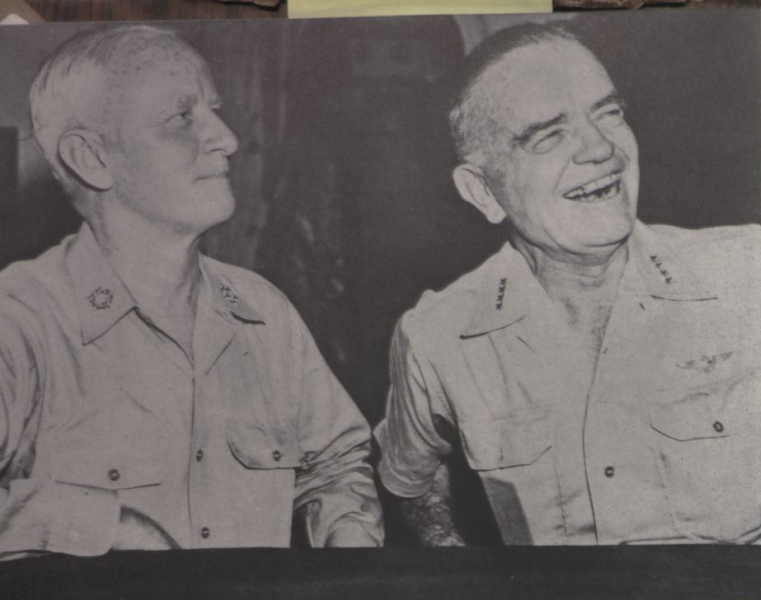
Não será possível por ora construir as usinas de aço, devido à dificuldade de adquirir a necessária maquinaria, por causa da guerra. Os planos estabelecidos, entretanto, compreendem a construção de um grande forno, com capacidade para a produção de 300 toneladas, e muitos outros detalhes que envolvem a aquisição de importantes maquinismos. Projeta-se também usar a escória para a produção de cimento, sendo assim mais uma indústria que surgirá na região. Além disto, o governo tenciona dar o maior desenvolvimento a numerosas outras indústrias destinadas a abastecer o crescente mercado exterior e a satisfazer às necessidades do consumo interno, que aumenta consideravelmente.

Para coordenar todas estas atividades do fomento industrial foi organizada a Corporación Peruana del Santa, com um capital autorizado de cem milhões de soles, subscritos pelo governo, já tendo este satisfeito cerca de uma oitava parte dessa soma, devendo controlar alguns dos serviços.

**Tanto** os médicos e engenheiros sanitários do projeto como os trabalhadores estão acomodados em habitações modernas e higiénicas para garantir a saúde







Em companhia do Almirante W. A. Halsey, comandante da Terceira Esquadra americana (à direita), o Almirante Nimitz participa de uns momentos de jovialidade, durante uma conferência



Pouco depois da sangrenta batalha de Tarawa: o almirante percorre a ilha capturada. Seguem na frente o Maj.-Gen. Julian Smith (de capacete) e o Tte.-Gen. R. C. Richardson. Em baixo: O almirante Nimitz em companhia de sua esposa e de sua filhinha, durante uma de suas raras visitas à família, em tempo de guerra. As atividades do seu comando o detêm em Pearl Harbor



# O Comandante da Esquadra do Pacífico

E A SUA MAGISTRAL ESTRATÉGIA NA MAIOR GUERRA NAVAL DO MUNDO

Os íntimos do Almirante Chester W. Nimitz, comandante-em-chefe da esquadra dos Estados Unidos nos mares do Pacífico, costumam dizer que ele é o único oficial de Marinha que começou sua carreira a bordo de um hotel. De fato, há certa razão para isso. Seu avô, velho lobo do mar, depois de se retirar à vida privada, foi viver na cidade de Fredericksburg, Estado do Texas, onde construiu o que ele denominou "Steamboat Hotel", em forma de navio. No convés desse hotel, o futuro almirante, quando menino, costumava empenhar-se em batalhas navais, demonstrando grande entusiasmo pela vida do mar. Era de tenra idade quando perdeu o pai, sendo criado pelo avô que lhe encantava com suas histórias de experimentado marinheiro.

Ao concluir seus estudos secundários, nos quais se distinguiu brilhantemente em matemática, o jovem Chester fez concurso de admissão à Escola Naval de Anápolis, garantindo ao avô que ainda viria a ser almirante.

Isto foi há quarenta anos. Hoje, aos 59 anos, o almirante Nimitz tem sob sua responsabilidade a direção das maiores operações de guerra naval da história. Até esta guerra, os almirantes comandantes de esquadra exerciam o seu posto a bordo do navio capitânea. O grande desenvolvimento das comunicações por meio do rádio veio, porém, alterar essa norma. O Almirante Nimitz, por exemplo, tem a sede do seu comando em Pearl Harbor, onde mandou instalar um pequeno "gabinete" perto de uma das praias. Do seu posto mantém constante contato com as unidades de sua poderosa esquadra, mas, freqüentemente, quando se encontram em zonas consideradas perigosas, os navios absterem-se de fazer uso do rádio.

## A grande estratégia

Durante a primeira guerra mundial, Nimitz distinguiu-se como especialista em submarinos, percorrendo depois uma escala de assinalados serviços, sendo finalmente nomeado chefe do Bureau de Navegação. Deste posto assumiu o comando geral da esquadra do Pacífico, logo após o ataque de Pearl Harbor.

Em princípios de 1942 começou o almirante a dar execução à sua longa tarefa de mobilizar um poder naval suficiente para sustar o avanço dos japoneses na maior área de guerra do mundo, cuja extensão ia desde o extremo setentrional das ilhas Aleutas, na costa do Alaska, até o sul do Pacífico, nas cercanias da Austrália. Os danos sofridos pela esquadra americana no ataque inicial do inimigo, em Pearl Harbor, retardaram a sua ação ofensiva. O Almirante Nimitz, porém, decidido a fazer uma demonstração de força no Mar de Coral, no norte australiano, fez seguir para lá o Almirante William G. Halsey com numerosas unidades para reforçar as que já estavam em operações locais.

Ao analisar meticulosamente os detalhes dos informes referentes à batalha travada naquela área, o comandante-em-chefe, do seu posto em Pearl Harbor, pôde concluir que os japoneses tinham, de fato, sofrido uma formidável derrota, mas tudo indicava não haverem empregado todos os recursos de que então dispunham. Muitos de seus navios tinham abandonado a luta mais depressa do que parecia ser necessário.

Pareceu, pois, ao Almirante Nimitz, ser óbvio que o ataque lançado pela esquadra japonesa no Mar de Coral não passara de um ardil para acobertar o avanço do grosso da força inimiga contra a costa ocidental dos Estados Unidos. Sem perda de tempo, ordenou o regresso de todas as unidades disponíveis nas águas centrais do Pacífico, mandando ficarem de rigorosa prontidão todos os aviões que tinham suas bases nas numerosas ilhas situadas dentro do possível perímetro de ação da frota inimiga. Preparava-se assim para lançar um ataque naval e aéreo, simultaneamente.

O resultado dessa magistral estratégia foi a histórica batalha naval travada em águas da ilha de Midway, com a decisiva vitória das forças americanas, fato que, no conceito do Presidente Roosevelt, premuniu uma invasão do hemisfério ocidental pelos japoneses. Daquele dia em diante, Nimitz devotou todos os seus recursos para levar a efeito uma série de ofensivas cuja preparação exigia oito meses, devido à necessidade de aguardar a chegada de abastecimentos a serem transportados por longas distâncias.

Foram estas ofensivas que levaram finalmente as forças norte-americanas e filipinas de novo ao arquipélago filipino, em sucessivos ataques, para libertá-lo do domínio japonês. E de seu posto em Pearl Harbor, o Almirante acompanha a intensificação dessa formidável ofensiva que cada vez mais comprime as forças inimigas, cortando-lhe a liberdade de ação numa área antes sob seu completo controle.

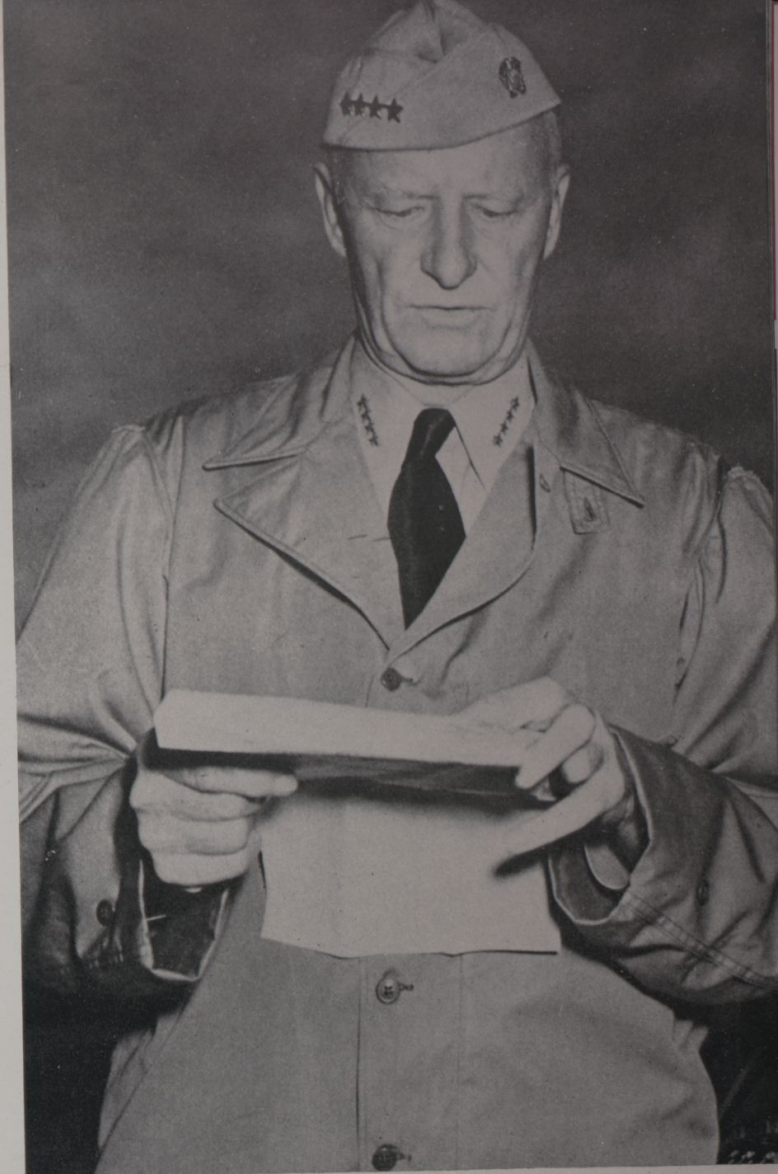
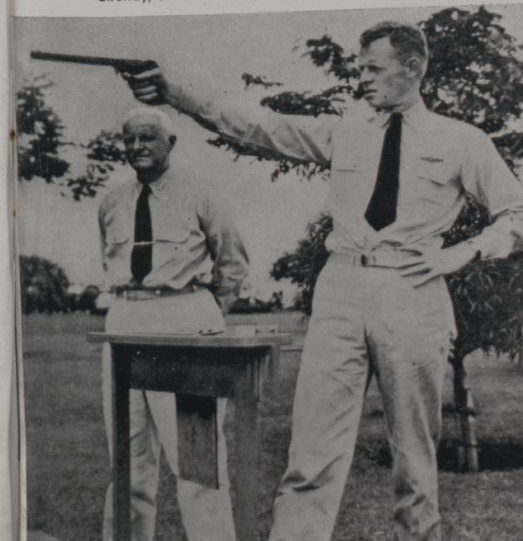
Confiante no desenvolvimento da sua estratégia, o comandante-em-chefe da esquadra do Pacífico encara novas etapas, estuda futuros golpes que possam ser lançados na ação conjunta naval e aérea que já se estende muito mais cerca do Japão do que os japoneses jamais puderam antecipar.

Desde que assumiu o comando no Pacífico, o Almirante Nimitz raramente se afasta do seu posto, o que só acontece quando urge conferenciar com seus superiores ou discutir detalhes estratégicos com o próprio Presidente Roosevelt, em Washington, ou na Califórnia, com o Almirante Ernest J. King, chefe das operações navais.

Nessas viagens tem ele ocasião de ver sua esposa e três filhas. Seu filho, oficial de Marinha, está embarcado num submarino, no Pacífico. Em Pearl Harbor, o almirante leva uma vida ativíssima, fazendo questão de manter contato direto com o maior número possível de seus comandados.

Em seu gabinete, o Almirante Nimitz trabalha cercado da maior simplicidade. Sua mesa desaparece sob a variedade de lembranças oferecidas por amigos e admiradores. São cinzeiros, pesos para papel, em forma de animais, abridores de cartas, etc. Dispõe de um sistema de intercomunicações telefônicas, pelo qual se comunica com os oficiais do seu estado-maior, e de um rádio, que freqüentemente lhe proporciona o que ele chama "música de fundo para o seu trabalho," enquanto estuda informes e relatórios. Às vezes, quando se trata de música sinfônica, gosta que seus oficiais participem do prazer de ouvi-la, e faz ligar todos os telefones interiores, durante o concerto — para satisfação geral.

O Almirante Nimitz e seu filho, Comandante C. W. Nimitz (à direita), em exercício de tiro ao alvo, numa praia de Pearl Harbor



O Almirante Chester W. Nimitz, comandante-em-chefe da esquadra dos E.E.U.U. no Pacífico. A superioridade da sua estratégia tem forçado o inimigo a recuar constantemente, sempre com avultadas perdas, para as águas territoriais do império japonês. Em baixo: Numa visita de inspeção em companhia do Almirante Ernest J. King (à esq.), comandante-em-chefe da esquadra americana





# NOVA ORLEANS

COGNOMINADA "PORTAL DAS AMÉRICAS", É UMA CIDADE TÍPICAMENTE LATINA

Harnett T. Kane, autor de "Louisiana Hayride", "Bayous of Louisiana", "Deep Delta Country" e outros livros, descreve no seguinte artigo o grande desenvolvimento da romântica e pitoresca cidade de Nova Orleans, "portal das Américas".

SITUADA num estratégico ponto de reunião das Américas, a cidade de Nova Orleans orgulha-se de ser a mais latina de todas as metrópoles dos Estados Unidos. Mais do que qualquer outro centro de população norte-americana, Nova Orleans reflete as tradições e os costumes latinos, fato que se explica pela sua situação geográfica, por antecedentes históricos e razões de ordem econômica. No contato cada vez mais íntimo das Américas, Nova Orleans encontra-se em crescente destaque como fator de ligação cultural e comercial entre os povos que

lhe ficam ao norte e ao sul. A cidade é freqüentemente descrita como de aspectos e costumes predominantemente franceses. Não há dúvida que da França herdou ela numerosas tradições. Todavia, na história da Luisiana, foi a mescla das culturas espanhola e francesa que prevaleceu na civilização de Nova Orleans, por isso que a Espanha, depois da França, governou o território durante o longo e crítico período de 1762 até a primeira parte do século dezenove.

Os costumes de Castela deixaram-lhe marcos indelévels. A religião predominante ainda é a Católica Romana, e as igrejas desempenham papel de grande relevo na vida de seu povo. Deu-se o cruzamento entre as famílias espanholas e francesas, produzindo um tipo característico, em que ressalta a combinação de traços de ambas as origens — tipo que se distingue pela

sua urbanidade, vivacidade e natureza prazenteira.

A arquitetura de Nova Orleans naquela época era marcadamente hispana, continuando assim mesmo depois da reconstrução da cidade, em consequência do grande incêndio de 1788. A catedral de São Luís é uma de suas mais belas obras arquitetônicas, em estilo que é comum em algumas cidades das repúblicas americanas do sul. Todos quantos visitam a parte velha de Nova Orleans, o "Vieux Carré", ficam impressionados pelo estilo genuinamente hispano de suas construções, nas quais sobressai o gosto pelos gradis e outros detalhes derivados diretamente do período espanhol.

Em 1803, entretanto, a Luisiana passou novamente para a dominação francesa e, subseqüentemente, integrou-se na União norte-americana. Mas, como lembram muitos, permaneceu dominada de si mesma, seguindo suas velhas tradições e sua própria maneira de viver caracteristicamente latina. É um contraste que constitui um dos seus maiores atrativos.

Como antigamente, agora nas ruas da parte velha da cidade, encontra-se um outro mundo, uma atmosfera inteiramente diversa do ambiente que a cerca. Fala-se francês e espanhol comumente, e os hábitos e maneiras notados em seus habitantes e no comércio em geral tipificam

(Continúa)

A catedral de São Luís (à esq.), construída há 150 anos, é um dos pontos de atração da antiga parte francesa de Nova Orleans. Em baixo: Clima aprazível e excelente comida é norma nos restaurantes ao ar livre



Ponto de junção da antiga parte francesa da cidade com a moderna Nova Orleans — "Canal Street", famosa pela sua animação durante os dias de Carnaval. Na gravura à direita, vista da encantadora cidade, uma das mais originais dos EE.UU., com suas ruas de nomes ingleses e franceses, e suas belas sacadas







O edifício da administração do Colégio Loyola, em Nova Orleans, cidade que se destaca pelo seu comércio e indústria e pela sua cultura



Silhueta panorâmica da cidade de Nova Orleans, o grande centro latino-americano do norte, ponto de reunião dos povos das Américas



Os alunos da Universidade de Tulane, ansiosos de recomeçarem as aulas no novo edifício, solvem o seu problema da falta de carregadores



Lanchas torpedeiras sendo construídas na fábrica Andrew J. Higgins, de City Park, Nova Orleans. Em baixo: Um dos navios da Mississippi Shipping Company, a maior empresa marítima de transporte de café do mundo, ao receber um carregamento de mercadorias para a América latina. Depois da guerra, sua frota será consideravelmente aumentada de velozes navios



mais os aspectos das outras repúblicas americanas de que os da América do Norte. Há ainda um certo ar de galanteria que ultrapassa os meios sociais e se reflete nos próprios negócios. O espírito de cultura permanece conciente do seu valor, ganhando maior proeminência de geração em geração. E, em suma, um ambiente que cativa, razão por que os visitantes procedentes de outras nações americanas confessam acharem-se perfeitamente à vontade, "como em sua própria casa", quando estão na grande metrópole norte-americana.

Há nisto um certo grau de filosofia que transcende naturalmente as noções do presente em matéria de vida e trabalho. E' que, em Nova Orleans, "nem só de pão vive o homem"; ninguém nega o valor do trabalho, mas todos enaltecem e cultivam a arte de viver. Nova Orleans tornou-se, por isso mesmo, um dos centros de manifestação artística nos Estados Unidos, destacando-se a sua apreciação pela arte teatral. E como uma cidade de ópera por excelência, em Nova Orleans, tiveram a sua primeira representação americana "Les Huguenots", de Saint-Saëns, "Sansão e Dalila", de Massenet, "Herodiade" e outras. Alguns dos artistas de fama universal fizeram sua estréia americana em Nova Orleans. O teatro da Ópera permaneceu como um símbolo da cidade, enfrentando boas e más temporadas desde 1859 até 1916, quando o seu magnífico edifício foi destruído pelo fogo. Contudo, o interesse pela ópera continuou sempre vivo, deslocando-se os seus apreciadores para o novo centro — Nova York, ou para as capitais da Europa. Mas Nova Orleans agora já está cogitando de planos para a ereção de um novo teatro.

### O Carnaval

Referir à graciosa cidade sem destacar o seu Carnaval, é obscurecer um de seus aspectos mais interessantes. Porque Nova Orleans "vive e sente" seus dias de folgado carnavalesco. Em tempos normais com mil forasteiros são atraídos pela famosa terça-feira gorda da hilariante cidade americana em pleno reinado de Momo.

Famosa por seus restaurantes, a cidade orgulha-se do seu prestígio de bom gosto gastronômico. Mas a história de Nova Orleans não tem sido de contínua serenidade. Tem tido seus dias de dificuldades, de batalhas e privações. Os ingleses quase a capturaram, durante a guerra de 1812, e, por ocasião da Guerra Civil, foi uma das cidades mais cobiçadas.

Ao tempo do desenvolvimento das vias férreas e da navegação nos canais, muito sofreu a navegação ao longo do rio Mississippi. Mas com o decorrer do tempo, Nova Orleans tornou-se um grande centro ferro-viário, desenvolvendo igualmente a sua navegação fluvial. A cidade é também o "pivô" de um novo desenvolvimento — o da navegação intracosteira, sistema de canais, pequenos rios e outros cursos d'água que se estende da Florida ao Texas, ligado em vários pontos com a costa do Atlântico.

Problemas locais têm posto à prova o espírito de iniciativa do seu povo. O do rio Mississippi, por exemplo, cujo delta estava a exigir constantes dragagens, foi enfrentado

em grande escala, com a execução de uma das maiores obras de engenharia do século passado. O rio corre agora diretamente, sem causar mais obstruções nem perturbar a posição de Nova Orleans, como um dos grandes portos do mundo.

Outro problema, também sério, foi o do estado sanitário da cidade. A febre amarela ceifava milhares de vida, anualmente. Providências drásticas foram postas em prática para eliminar o mal, o que foi conseguido com pleno êxito. As enchentes foram dos últimos inconvenientes a serem removidos. Agora, sempre que as águas do Mississippi ameaçam transbordar, há o recurso de uma canalização especial que as desvia em seu curso para o mar — outro notável empreendimento técnico.

### Um grande empório

Na cidade e seus arredores há um verdadeiro empório de matérias primas valiosas. Sal, enxofre e petróleo abundam sob seus pântanos e pequenos cursos d'água. Não muito distante de Nova Orleans desenvolveu-se uma grande indústria de produtos petrolíferos, químicos e derivados. Novos métodos de refrigeração têm dado grande impulso às indústrias de produtos alimentícios marinhos. E, por estranho que pareça, nos banhados da Luisiana encontra-se mais peles e pelúas que em qualquer parte do Canadá ou do Alaska.

A população de Nova Orleans é agora de mais de 600.000 habitantes, e a cidade está excedendo tôdas as cifras anteriores em volume de negócios com as outras repúblicas americanas, movimento que ultrapassa o de qualquer outro porto norte-americano.

Ao mesmo tempo, a grande metrópole prepara-se para mais outro grande desenvolvimento futuro — no ar. Seis linhas de navegação aérea, inclusive de serviços de carga para a América Central, estão operando com ponto de partida em Nova Orleans, movimento que supera ao de qualquer outra cidade do sul. Várias empresas já pediram licença para operar mais de sessenta linhas depois da guerra, tendo Nova Orleans como ponto inicial.

A progressiva Nova Orleans regosija-se também com o próximo advento da sua proclamada International House, que começará a funcionar ainda este ano. Trata-se de um grande centro, sem objetivo de lucros ou de negócios, instalado num dos maiores edifícios da cidade, na zona comercial, cujo fim é pôr em prática vários programas interamericanos organizados para facilitar os homens de negócios das Américas em todos os assuntos comerciais, industriais e outros de direta utilidade. Será, de fato, um grande clube internacional, dispondo de excelentes instalações, salões de refeição, salas de estar, escritórios e assistentes especializados à disposição dos visitantes, comerciantes de outras terras. A organização animará o intercâmbio de estudantes, receberá visitantes ilustres e autoridades das repúblicas americanas, proporcionará filmotecas, salões de reuniões e outras facilidades. Seu objetivo, em linhas gerais, é animar "tôdas as atividades sociais e comerciais interamericanas."



Como cidade predominantemente latina, Nova Orleans também tem seu ruído carnaval. Na gravura vê-se um aspecto dos folguedos que atraem todos os anos com mil forasteiros. Em baixo: A parte velha da cidade, o "Vieux Carré", com seus pintores é um dos pontos preferidos pelos carnavalescos que se fazem retratar em suas pitorescas fantasias características de períodos históricos





# A GRANDE INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

**O**S fusos e teares da grande indústria têxtil brasileira estão em atividade crescente na produção de tecidos cuja aceitação se firma nos mercados do mundo pela sua excelente qualidade. Crescente é também a produção brasileira de algodão, seda, lã e linho. E a nação que há apenas três décadas passadas dependia de fontes estrangeiras para a maior parte dos seus artefatos têxteis vê agora aproximar-se o dia em que seus cidadãos poderão vertir-se exclusivamente com tecidos nacionais.

O quase fenomenal crescimento da produção brasileira de fios e tecidos operou-se principalmente graças ao espírito empreendedor de seu povo. Em 1913, o Brasil dependia de outros países para aproximadamente 30 por cento do seu consumo de algodão por ano; de 60 por cento dos tecidos de lã, e de 85 por cento de fazendas de seda. Com a ocorrência da primeira guerra mundial, o país viu-se cortado da maior parte dos seus abastecedores normais de tais produtos. A nação defrontava então uma questão vital: deveria tentar passar sem os produtos que costumava importar, ou desenvolver seus próprios recursos naturais e industriais? A decisão era de grande importância para o futuro dos têxteis brasileiros. A nação decidiu pelo seu próprio desenvolvimento.

## Um grande surto

A transformação operada foi realmente admirável. E conquanto o terminar da primeira guerra ocasionasse uma temporária interrupção no crescimento da indústria de tecidos brasileiros, a segunda guerra deu lugar a um estímulo em escala ainda muito maior.

Hoje a situação da indústria têxtil do Brasil é firme. O capital invertido em suas 962 fábricas de fiação e tecelagem está estimado em um milhão e quinhentos mil cruzeiros, e a indústria passou a ser uma das principais fontes exportadoras de produtos manufaturados nacionais. Na produção mundial de algodão, o Brasil é ultrapassado apenas pelos Estados Unidos, pela Índia e pela União dos Soviets. Mesmo com o consumo interno absorvendo oitenta por cento da produção, a exportação brasileira tem podido manter todas as vantagens a custo alcançadas, suprimindo, durante os dois últimos anos, entre outros mercados, os da Inglaterra, Espanha, Suécia, Colômbia, Portugal, Equador, Chile, Bolívia, Uruguai, Argentina, México, Venezuela e África do Sul.

Este considerável surto num mundo de apurada concorrência têxtil demandou muito trabalho e inteligente planificação. As vastas plantações algodoeiras de São Paulo forneceram grandes estoques de *linters*; o governo isentou de direitos de importação os maquinismos para as fábricas destinadas à produção de rayon pelo processo da nitrocelulose, tornando assim a indústria têxtil independente dos fornecimentos estrangeiros. O governo prestou todo auxílio na distribuição de maior número de sementes. Os plantadores de algodão de fibra curta, no Sul, e

os que plantavam algodão de fibra longa, no Norte, dobraram a extensão de suas plantações em algumas áreas. Os operários em 340 contonifícios do Brasil trabalharam muito e longamente. E dos quase três milhões de fusos e mais de oitenta e dois mil teares, não poucos foram os que tiveram que ser operados em dois e três turnos diários para produzir mais tecidos de várias qualidades, para atender à demanda.

Entre 1930 e 1943, a produção de algodão em rama aumentou de quase 300 por cento; a produção de tecidos de algodão triplicou, e a exportação de tecidos e outros produtos de algodão passou de 11.000 quilos, em 1930, para mais de 25.000.000 de quilos, em 1942.

O Brasil também mostrou o que podia fazer com a produção da seda. Antes, grande importador de seda, o país desenvolveu a cultura de sirgos selecionados, nos Estados do centro-sul, na zona do nordeste e na região do Amazonas. O Serviço de Sericultura de São Paulo distribuiu somente neste Estado, trinta milhões de amoreiras, e forneceu quantidade vinte vezes maior de óvulos aos pequenos criadores e aos proprietários de plantações. O elevado grau térmico do clima faz que a amoreira e o bicho da seda atinjam à maturidade no Brasil mais rapidamente que na Europa e na Ásia. Por esta razão, o número máximo de colheitas em algumas partes do país rende o triplo da produção anual verificada em outros países sericultores.

## Outros produtos

A produção de rayon tem alcançado um desenvolvimento similar no Brasil, anteriormente grande importador de rayons estrangeiros. A indústria nacional está agora capacitada para abastecer quase todas as necessidades do mercado interno.

A indústria fabril de lã, que antes também não podia satisfazer à procura, está chegando agora ao ponto de poder atender ao consumo.

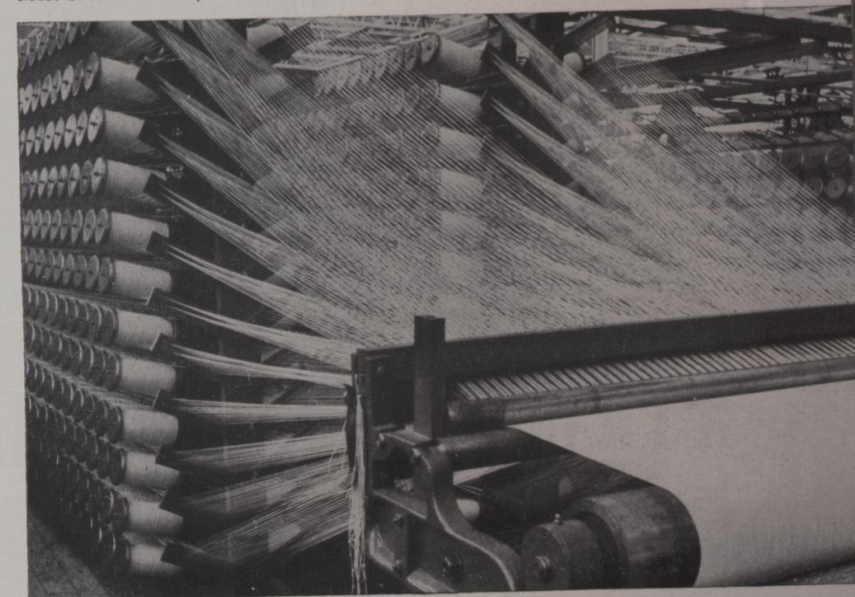
Nestes últimos anos tem decrescido continuamente no Brasil o consumo de tecidos de lã de manufatura estrangeira, graças à ampliação que tem tido a produção nacional.

Quanto ao linho, a sua cultura entra em franco desenvolvimento, estando a produção de tecidos muito mais elevada do que era antes da guerra. Em 1913, o Brasil importava um milhão setecentos e cinquenta e oito mil quilos de linho, puro ou mesclado, total que decresceu para quase setecentos mil quilos durante a primeira guerra, mas animou a produção nacional. Depois de vários estágios, enfrentando sempre a concorrência estrangeira, a manufatura brasileira, em 1938, emergia com uma produção de 16 e meio milhões de metros de linho puro, sobrelevando de importância a fabricação paulista. A seguir, vem o Distrito Federal, Pernambuco, Estado do Rio e Minas Gerais.

O padrão de riqueza que a indústria têxtil constitui para o Brasil representa um esforço e tenacidade raramente observados noutros países. Os algarismos em que se traduzem os capitais aplicados, o valor da produção e os benefícios decorrentes para o público consumidor, demonstram a grandeza de um empreendimento cujas raízes vão ter aos primeiros tempos das cogitações fabris no vastíssimo território brasileiro.



Belas fazendas de seda da indústria nacional brasileira nos balcões de uma grande loja de modas da cidade de Nova York. A qualidade dos tecidos e variedade dos desenhos tornaram-nas das mais apreciadas



Um dos grandes teares numa fábrica brasileira, durante a produção da lona especial que entra na fabricação de pneumáticos para automóveis. Em baixo: Numa das 340 fábricas de tecidos brasileiras, onde estão em constante atividade três milhões de fusos e mais de oitenta e dois mil teares, produzindo grande quantidade e variedade de tecidos para consumo nacional e crescente exportação para todas as partes do mundo



A sempre crescente produção de tecidos numa das grandes fábricas da industriosa metrópole paulista





"Le jour de gloire est arrivé!" A França volta a presidir seu próprio destino ao reunir-se a Assembléia Consultiva no Palácio de Luxemburgo, em Paris

# A FRANÇA ENCARA CONFIANTE O FUTURO

O General de Gaulle, no solo sagrado da França, congratula-se com seus compatriotas pelo fato de sua pátria emergir da luta com seu espírito inabalável



PARA a França, as complexas questões de sua vida econômica, algumas de proporções imensuráveis clamando atenção imediata, são prova de que a libertação de seu povo apenas começou. Quarenta e dois milhões de franceses agitam-se na periferia de suas atividades defrontando a obra de reedificação da pátria. Para todos surgem indagações as necessidades mais prementes, quais a da nutrição de centenas de milhares de crianças de resistência física combatida pelas misérias da guerra; a da reconstrução de tantos lares das ruínas deixadas pelos bombardeios, ou ainda a revitalização da República para a fazer reingressar em seus gloriosos destinos no concerto das nações livres.

Quase um lustro de ocupação germânica não conseguiu fazer mossa no indomável espírito do povo gaulês. O mesmo, todavia, não se pode dizer da riqueza material da nação. Esta sofreu e sofreu muito, apresentando gritantes vestígios do descalabro que a atingiu.

Há exemplos impressionantes da destruição que arrasou a França. Típico da situação é o do Havre, onde, das 40.000 casas de residências existentes antes da guerra, apenas 10.000 restam de pé. Em Paris, cerca de 50.000 pessoas estão sem teto, ou porque seus lares foram destruídos, ou porque foram despejadas, lançadas à rua pelos alemães. E para agravar a dificuldade de pronto auxílio a tantos infelizes, o inverno este ano chegou rigoroso e inclemente.

Em muitas cidades há casas sem conta desprovidas de telhados ou sem janelas. Mesmo onde há moradias habitáveis, a impossibilidade de dotá-las de calefação apresenta-se insolúvel, em consequência da paralização do serviço de transporte para o necessário combustível. Em todo o curso do rio Sena, de Monterau ao mar, não existe uma só ponte intacta. Ademais, setenta por cento do material rodante ferroviário ficou inservível. Onde quer que urgiam as necessidades militares, os engenheiros aliados reconstruíram pontes, estradas e vias férreas, utilizando nelas centenas de locomotivas e vagões trazidos pelas forças libertadoras. Este serviço, porém, só aproveitará à população civil depois que cessarem as opera-

(Continúa)



Confiantes no futuro de sua pátria, os franceses lutam ao lado dos aliados e se apressam a restaurar os serviços públicos destruídos pelos alemães

Retornando aos lares após um período trágico de humilhação e sofrimento, numerosas famílias francesas valem-se de todos os meios de transporte







**Libertada** a terra do guante dos cruéis invasores, os franceses ativam a sua produção para restaurar o nível de alimentação e saúde reduzido pela guerra



**Cena** da atualidade na França libertada: um gendarme lendo as últimas notícias da guerra para os restantes residentes de uma vila no vale do Mosela



ções militares. A guerra, pois, continuava a agravar a crise dos transportes de viveres. Aqueles que vivem no campo, perto das terras produtivas, têm à mão melhores recursos. Mas nas cidades sente-se a escassez até do leite necessário à alimentação da população infantil.

Depois de período tão prolongado de regime alimentar inadequado, não era possível garantir indenidade a ninguém contra numerosas doenças derruidoras insidiosa e silenciosamente da resistência orgânica. Providência tiveram que ser instituídas urgentemente para debelar o surto da tuberculose, só para citar uma das doenças mais incidentes, cujas mortalidade aumentou de 57 por cento durante a guerra. Por sua vez, a deficiência qualitativa da alimentação causou um aumento de 54 por cento nos casos de raquitismo entre crianças menores de dois anos.

### Os aliados ajudam

As necessidades da França mereceram imediata atenção de seus aliados. Apesar da relativa escassez de manteiga e de gorduras nos Estados Unidos, por exemplo, e ainda das dificuldades de transportes marítimos, o supremo comando das forças aliadas conseguiu fornecer, para consumo público na França, quantidades suficientes daqueles produtos para minorar a privação durante os meses de inverno. Outros países estão atendendo com a mesma solicitude às urgentes necessidades do povo francês. Mas é do seu próprio solo que os franceses também esperam se refazer em breve da grande carência de gêneros alimentícios. Esta esperança lhes fortalece o ânimo porque bem sabem que o produto do seu trabalho não mais se escoará para consumo dos alemães através da degradante prioridade a que se arrogavam como senhores da terra conquistada.

Para ativar sua produção agrícola e pastoril, a França precisa de máquinas, muitas máquinas e sobressalentes. Esta carência, infelizmente, é, no momento, a mesma em que se premem tantas outras nações. Várias missões técnicas se encontram atualmente na França estudando a reabilitação de suas indústrias e dos sistemas de transporte. Mas apesar da melhor boa vontade, grande parte desses projetos ficará por executar até que termine a guerra.

Há, porém, uma face das preocupações que assolam a França que está despertando cuidado extraordinário: a da saúde pública. A situação é, de fato, precária. O Instituto Pasteur trabalha dia e noite na produção de soro, pronto para a eventualidade de qualquer epidemia. Muito material hospitalar e cirúrgico, assim como medicamentos, têm sido enviados para a França, afim de manter ininterruptos os serviços mais urgentes. É uma séria emergência nacional para a qual o Ministro da Saúde Pública mantém voltadas todas as suas atenções. E das lições do momento procura ele acentuar os benefícios da obra a realizar, afirmando que "seu pensamento está na garantia do bom estado sanitário da nação; na saúde e bem-estar das crianças da França, desta e das futuras gerações."

Este é o espírito que ressalta em toda a França: o da restauração nacional e superação do passado. A educação romperá muitos precedentes. A escola francesa terá a responsabilidade de garantir a todos o direito inalienável conquistado pelo nascimento, de se educar, desenvolver e expandir, conforme declara o Ministro da Educação Pública.

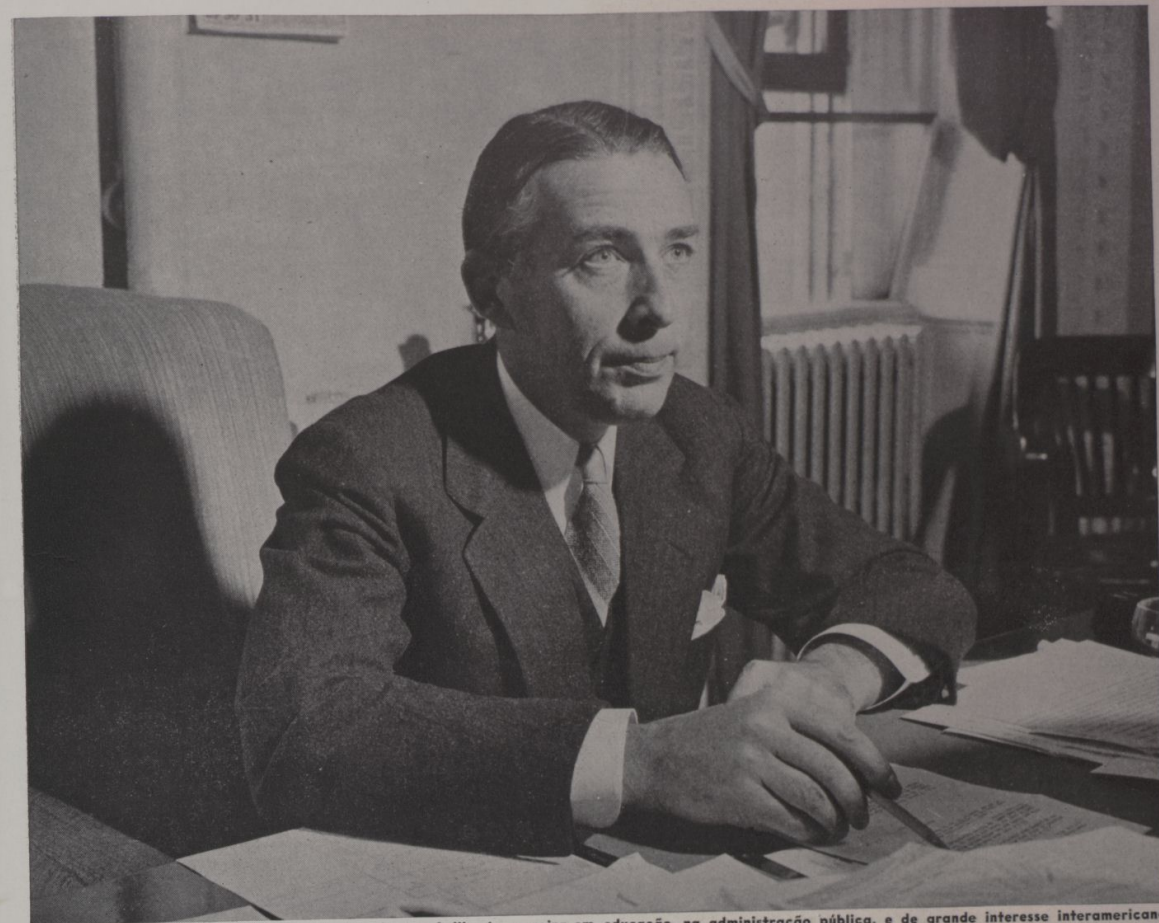
### A perspectiva política

Não há negar que sob o ponto de vista político, a França tem a empreender uma tarefa difícil. O novo governo deverá representar muitos grupos divergentes: os patriotas que formaram a heróica resistência ao invasor, durante os dias negros da ocupação; os franceses que, afastados do solo pátrio, bateram-se pelo renascimento da França; os milhões do elemento trabalhista e os prisioneiros de guerra que se encontram na Alemanha.

Quando os nazistas forem finalmente derrotados e os franceses ausentes tornarem aos seus lares, realizar-se-ão as eleições para que o povo eleja livremente seus governantes. Encarando o presente e o futuro com a sua mesma convicção do passado, afirmou o General Charles de Gaulle: "A reconstrução da França é tarefa formidável, mas a fé inquebrantável que seu povo demonstrou durante os últimos cinco anos é suficiente garantia de que atingiremos os nossos fins."

Já incorporada no núcleo das Nações Unidas, a França, com o ânimo forte de seu povo a propulsar a obra de sua restauração política e econômica, "mostrará ao mundo e aos próprios franceses que o sofrimento, longe de enfraquecê-la, a fortaleceu ainda mais para o desempenho de suas grandes responsabilidades," — disse-o o General Charles de Gaulle.

O novo embaixador dos Estados Unidos na França, Jefferson Caffery, recebe os jornalistas franceses após apresentar suas credenciais ao Gen. de Gaulle



Sua nomeação para um cargo diplomático coroa uma brilhante carreira em educação, na administração pública, e de grande interesse interamericano

# O Embaixador Berle

**NOVO ENVIADO DA AMIZADE  
BRASILEIRA-AMERICANA**

QUANDO um jovem professor, Adolf A. Berle Jr., atravessou apressadamente a cidade de Nova York, num dia em 1933, para tomar um trem com destino ao Sul, não podia imaginar que a sua viagem eventualmente o levaria ao Rio de Janeiro. Naquele dia, o Professor Berle esperava ir até Washington apenas, conferenciar com elementos do novo governo, e retornar às suas aulas. Mas o governo, que o havia chamado porque reconhecia a sua capacidade de especialista em finanças corporativas, verificou que o distinto professor também era bastante versado em outros importantes assuntos que interessavam à administração pública, num período de valorização, incentivo e aproveitamento de especialistas.

Dessarte, quando mal supoz, estava o Professor Berle de viagem para Havana, onde ia servir como assessor financeiro da Embaixada dos Estados Unidos. E nos anos seguintes os assuntos interamericanos encontraram nele um esforçado cultor. Foi delegado à Conferência Interamericana de Buenos Aires, realizada em 1936; foi nomeado, em 1938, Secretário Assistente de Estado, e nesse mesmo ano, representou sua pátria na Oitava Conferência Internacional dos Estados Americanos, em Lima. Dois anos mais tarde era assessor da delegação norte-americana na Reunião de Consulta dos Ministros de Exterior das Repúblicas Americanas, realizada em Havana. No ano passado, como presidente da Conferência Internacional de Aeronáutica Civil, reunida em Chicago, teve ensejo de renovar

seus contatos com amigos das outras nações americanas. Se os amigos brasileiros do Embaixador Berle não o encontrarem agora como que com falta de ar, em consequência da sua vertiginosa carreira nestes últimos 13

anos, é simplesmente porque a pressa já é um dos traços característicos da personalidade do embaixador. Velhos amigos se recordam dessa circunstância mesmo quando era ele ainda menino. Aos seis anos, já recitava de memória vários trechos de autores clássicos gregos e latinos. Aos 14 anos matriculou-se na Universidade de Harvard e graduou-se em três anos, em vez de quatro, consoante o programa. Aos 21 anos diplomava-se em direito, sendo o graduado mais jovem nos anais da universidade. Em 1918, quando contava apenas 24 anos, foi servir em Paris, como consultor da Comissão dos Estados Unidos encarregada de negociar a paz.

No período seguinte de sua vida, o Sr. Berle tornou menos agitado o ritmo de suas atividades, dedicando-se unicamente à advocacia e ao magistério. Foi de sua cátedra na universidade que o governo o chamou, em 1933. De todas as nações do mundo, o Embaixador Berle considera o Brasil como certamente predestinado a um grande futuro. Lembra, por exemplo, a vastidão dos recursos naturais da terra, e o interesse brasileiro de aplicar soluções técnicas como a da aviação para cobrir as imensas distâncias do seu riquíssimo território. Quanto ao conjunto do hemisfério, ele o encara unido como uma grande família, por laços de interesses mútuos e razões de elevado sentimento, cultivado com o mais vivo carinho.



# Na Frente Ocidental



Um soldado de infantaria dos EE.UU. desliza por baixo de uma cerca de arame farpado, perto das linhas inimigas



Soldados da segunda divisão de infantaria norte-americana abrigam-se numa trincheira, contra o fogo da artilharia

O Gen. de Brig. A. C. McAuliffe (à esquerda), chefe da guarnição de Bastogne, com seu ajudante, Tenente Starrett



Um tanque norte-americano sai para atacar as posições alemãs, enquanto os aviões, em vôo razante, atiram recursos para os sitiados de Bastogne

**D**URANTE os seis meses após seu desembarque na Normândia, em junho último, as forças aliadas avançaram rapidamente atravessando a França, a Bélgica, o Luxemburgo e parte da Holanda. Invadiram a própria Alemanha, chegando às defesas da linha fortificada de Siegfried. Os alemães estavam quase exclusivamente na defensiva, retirando-se às vezes apressadamente. Procurando fugir a uma completa derrota, perdiam nessas ocasiões milhares de prisioneiros. A questão era saber onde iriam os alemães firmar-se num ponto de apoio para defender o Reich. O General Eisenhower julgava que o ponto lógico seria a oeste do Reino, e que aí teria lugar a batalha principal contra a Alemanha. E' inevitável que a resistência alemã assuma maiores proporções à medida que a luta se aproxime das grandes fortificações da linha de defesa do inimigo. Mas continuariam os exércitos nazistas unicamente de defensiva? O rigoroso inverno que

## A HERÓICA RESISTÊNCIA DAS FÔRÇAS NORTE-AMERICANAS

envolia toda a frente ocidental estava dificultando extremamente as operações militares em ambos os lados. Mas os aliados continuavam a ganhar terreno e, em ambos os lados do Atlântico, crescia o otimismo no sentido de poderem as próximas ofensivas dos aliados pôr um termo à guerra na Europa dentro em breve. Admitia-se a existência de vastos problemas de abastecimentos e de organização na preparação de tais ofensivas, circunstância que, juntamente com as más condições atmosféricas, contribuía para a relativa calma na frente ocidental. A máquina militar alemã ainda dispõe de tremendo poder defensivo, mas a elasticidade do seu poder ofensivo não é devidamente avaliada pelo público em geral.

Foi sob tais circunstâncias que os alemães desfecharam um golpe ofensivo na manhã de 16 de dezembro último, dia que será lembrado por muito tempo na história desta guerra, por isso que marca o início da

(Continúa)





A artilharia do Sétimo Exército do Tenente-General Patch fazendo fogo por trás de um palheiro, em Bienwald, nas cercanias de Scheibenhart

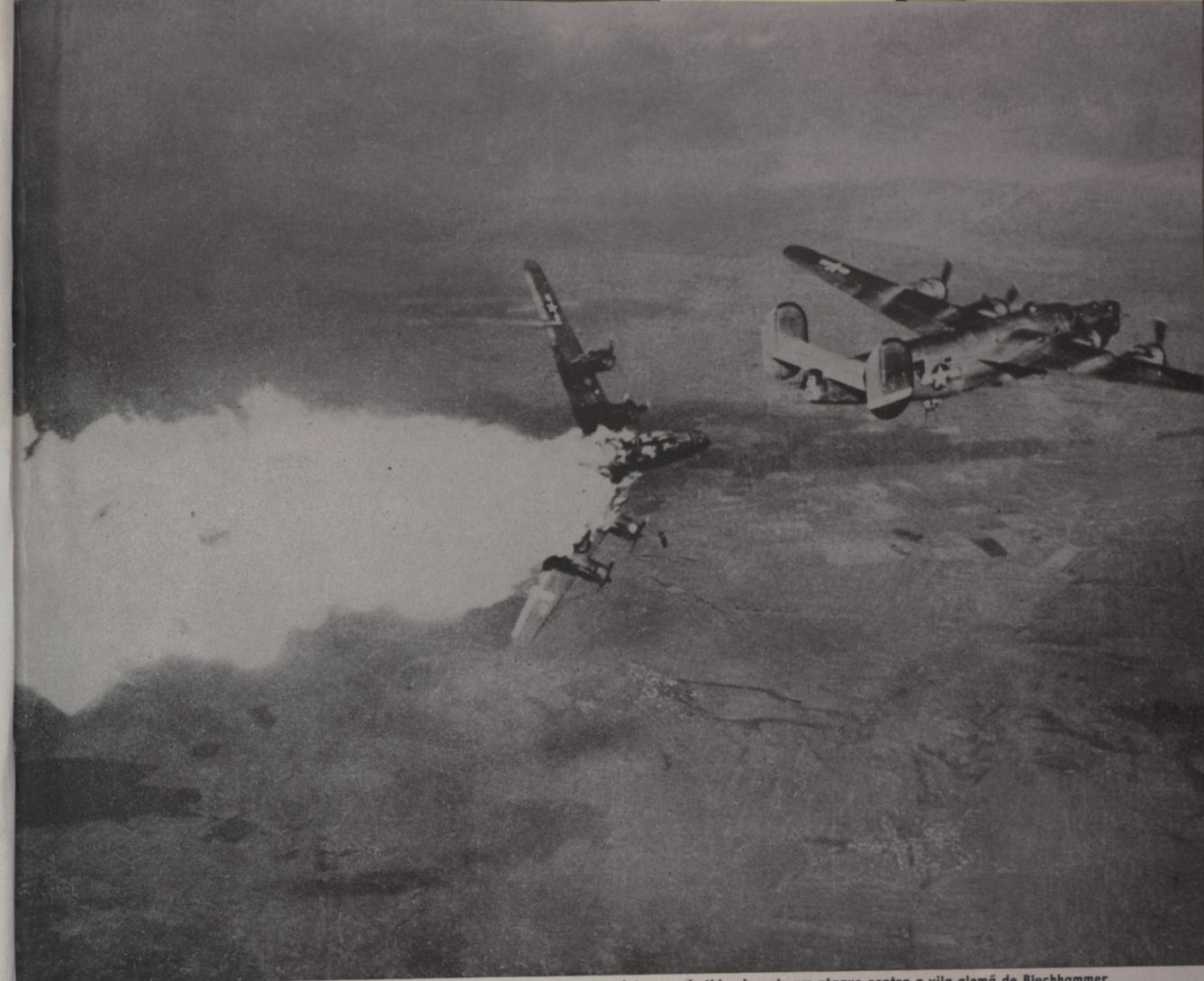


O Marechal de Campo Sir Bernard Montgomery palestrando com seus soldados numa vila na Alemanha. Em baixo: As forças americanas que se dirigem em auxílio da divisão sitiada em Bastogne tem que vencer os obstáculos das cercas de arame farpado colocadas pelos alemães para proteger suas posições de artilharia

série de grandes batalhas a serem travadas no oeste pelos aliados contra a Alemanha nazista. O Marechal de Campo Karl von Rundstedt aproveitando-se do espesso nevoeiro fez avançar abastecimentos e reforços para o contra-ataque de suas tropas num ponto que até então era dos mais calmos na frente aliada.

O comandante alemão conseguiu assim realizar um ataque de surpresa. E se não fôsse a coragem e heroísmo dos soldados norte-americanos, que tiveram que lutar sob adversas condições, os alemães teriam alcançado uma vitória imediata, penetrando pela Bélgica até o Canal de Mancha, e depois contornando para o sul da França. Foi inquestionavelmente uma cartada lançada em desespero de causa, mas que na imaginação nazista serviu apenas como um sedativo, pois bem sabem os chefes alemães da impossibilidade de fazerem milagres nesta fase da guerra.

O General Eisenhower, porém, aparou o golpe com perfeita maestria, contra-atacando por sua vez nos flancos do inimigo, em vez de o fazer frontalmente. As condições do tempo, que primeiro favoreceram os alemães, finalmente permitiram pudessem os aliados fazer uso da sua superior arma aérea, cuja ação estancou o audacioso avanço do inimigo.



Um avião norte-americano de bombardeio solta as bombas e se incendia ao projetar-se, abatido, durante um ataque contra a vila alemã de Blechhammer

Detalhe da batalha para salvar as tropas sitiadas em Bastogne: um tanque permanece na retaguarda para guardar um grupo de prisioneiros alemães





# UMA POSSE DE VALOR HISTÓRICO



As muletas falam por si mesmas. Estes veteranos da segunda guerra mundial, vindos dos campos de batalha, assistem à posse do Presidente Roosevelt.

## REAFIRMADA PELO SR. ROOSEVELT A POLÍTICA DE BÔA VIZINHANÇA

**A**O entrar no exercício do seu quarto quatriênio como Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt fê-lo tendo em mente as esperanças e aspirações da humanidade por um mundo de paz e de progresso.

Ficaram implicitamente reafirmadas neste quarto discurso inaugural, proferido a 20 de janeiro de 1945, as garantias contidas no discurso pronunciado pelo Sr. Roosevelt quando assumiu o cargo pela primeira vez, há doze anos, afirmando que a nação, em suas relações com o mundo, se dedicaria a uma política de Bôa Vizinhança.

"Aprendemos que não podemos viver sós, no gozo da paz," declarou agora em sua breve oração; "que o nosso bem-estar depende do bem-estar das nações vizinhas ou distantes. Nos dias e anos que se vão seguir, trabalharemos em prol de uma paz justa e duradoura e lutaremos pela vitória total na guerra. Podemos conseguir essa paz, e conquistá-la-emos."

A cerimônia da posse, realizada em Washington, foi breve e simples, consoante as contingências do tempo de guerra. Em contraste com a costumeira parada militar e várias festividades próprias do dia inaugural, nas quais participavam centenas de milhares de pessoas de todas as camadas sociais, o presidente, desta vez, preferiu uma ligeira cerimônia, realizada num dos pórticos da Casa Branca, na presença de cinco mil pessoas que assistiram ao ato dos gramados adjacentes.

Foi a primeira posse presidencial em tempo de guerra desde que Abraham Lincoln assumiu o cargo para seu segundo quatriênio, em 1865, durante a guerra civil americana.

Na mesma cerimônia do juramento do Presidente Roosevelt tomou posse do cargo de Vice-Presidente da República o Senador federal pelo Estado de Missouri Harry S. Truman, sendo-lhe ministrado o juramento pelo seu predecessor, Henry A. Wallace.

Dos quatro filhos do presidente, que se acham todos servindo nas forças armadas, somente o Coronel de Infantaria de Marinha James Roosevelt, ex-ajudante de ordens do presidente, assistiu à cerimônia da posse.

**O Presidente** Roosevelt correspondendo às manifestações da massa popular, durante a sua posse. Vê-se da esquerda para a direita: O novo Vice-Presidente Harry S. Truman; Presidente Roosevelt; Col. J. Roosevelt, e Monsenhor John A. Ryan



## O DISCURSO PRESIDENCIAL

**N**ÓS os americanos da atualidade, juntamente com os nossos aliados, atravessamos um período de prova suprema para nossa coragem — nossa resolução — nossa prudência e nossa dignidade. Enfrentando esta prova, e dela saindo com a vitória honradamente conquistada, prestaremos ao mundo um serviço de importância transcendental, que a humanidade inteira louvará para todo o sempre. Neste momento, após pronunciar o meu solene juramento diante de meus concidadãos—e perante Deus — reconheço a vontade decidida desta nação, em cujo cumprimento não falharemos.

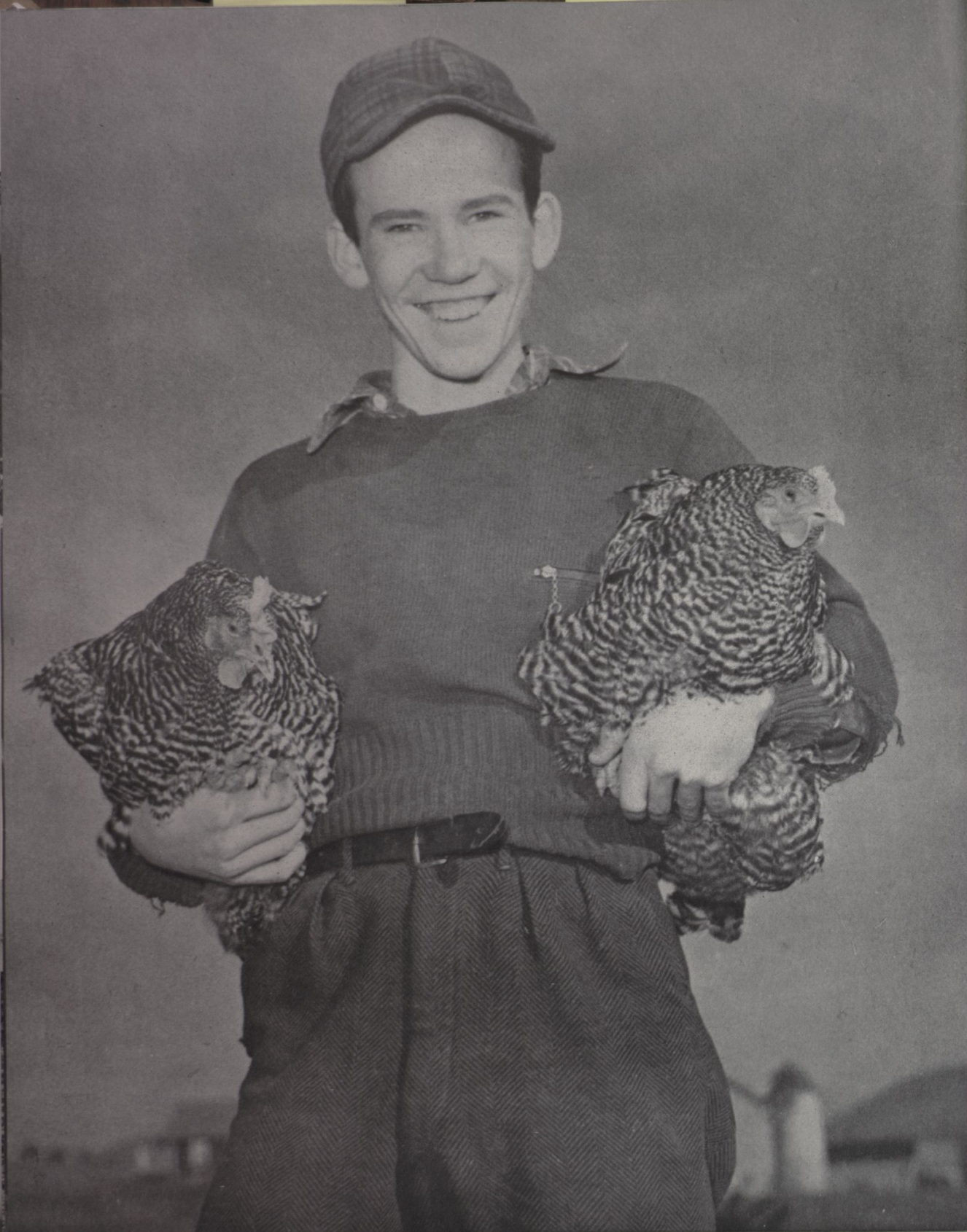
Nos dias e anos que se vão seguir, trabalharemos em prol de uma paz justa e duradoura, da mesma forma que óra trabalhamos e lutamos pela vitória total na guerra. Podemos conseguir essa paz, e conquistá-la-emos. Colimaremos a perfeição. Não a alcançaremos imediatamente — mas assim mesmo havemos de buscá-la. Cometeremos erros talvez, mas nunca por desfalecimentos nem por enfraquecimento da nossa estrutura moral.

Recordo-me do que dizia outrora o meu antigo mestre-escóla, numa época em que tudo nos parecia tão seguro e sereno: "As cousas, na vida, não correm sempre suaves. Ora nos sentimos subir às alturas — e depois cair outra vez. O fato essencial a lembrar é que o pendur da civilização mesma é sempre ascendente; tal como uma linha traçada entre picos e vales tende para o alto. A nossa Constituição de 1787 não era um documento perfeito, e ainda o não é hoje: — mas deu-nos uma base sólida sobre a qual homens de todas as raças, côres e religiões puderam edificar a firme estrutura da nossa democracia. Hoje, neste ano de guerra de 1945, aprendemos uma lição — a um custo tremendo — e saberemos tirar proveito dela. Aprendemos que não podemos viver sós, no gozo da paz; que o nosso bem-estar depende do bem-estar das nações vizinhas ou distantes. Aprendemos que é necessário viver como homens sociáveis e não retirados como egoístas.

Aprendemos a ser cidadãos do mundo, membros da comunidade humana. Aprendemos esta simples verdade, como disse Emerson, que "a única maneira de se ter um amigo é ser-se amigo". Não poderemos conseguir uma paz duradoura se nos aproximarmos dela com suspeita, com desconfiança e com receio. Só poderemos consegui-la se procedermos com a inteligência, com a confiança e com a coragem que provêm da força de nossa convicção.

O Todo Poderoso abençoou a nossa terra de muitas formas: Deu ao nosso povo coração enérgico e braço forte para desferrar golpes vigorosos em favor da liberdade e da verdade. Deu-nos a fé que tem sido a esperança de todos os povos do mundo angustiado. Rogamos-lhe pois que nos guie para vermos claramente o caminho que conduz a uma vida melhor para nós e todos os nossos semelhantes, e para que se cumpra, assim, o seu desejo de: "Paz na terra!"





Richard Lanigan, do condado de Delaware, Estado de Nova York, é típico dos membros dos "4-H Clubs" que tanto beneficiam a juventude do campo



Sócios de um clube expõem animais de criação numa das feiras organizadas por um clube rural. Em baixo: A Sra. Carmen Carmona, representante dos clubes rurais da República da Venezuela visita um clube americano

## A OBRA EDUCACIONAL DOS CLUBES RURAIS

**G**ENERALIZA-SE nos países americanos a criação de órgãos associativos para a juventude rural, moldados nos conhecidos 4-H Clubs dos Estados Unidos, cujas quatro letras iniciais representam as palavras do seu credo: *head, hands, heart e health* (cabeça, mãos, coração e saúde). São organizações devotadas a orientar em seu próprio ambiente a mocidade do campo, facilitando-lhe conhecimentos práticos para uma vida mais proveitosa e abundante e, ao mesmo tempo, inspirando-a na prática do verdadeiro civismo.

Iniciados em 1914, sob os auspícios do governo, os clubes contam atualmente quase dois milhões de sócios, de ambos os sexos. São dirigidos por 175.000 homens e mulheres que voluntariamente prestam esse serviço, orientados por funcionários especialistas do Departamento da Agricultura.

O ensino da agronomia, por si só, é apenas parte de uma questão cujo vulto interessa a todos, quer vivam ou não onde se cultiva a terra, porque os produtos alimentícios, sejam vegetais ou animais consumidos por todos, dependem constantemente do tratamento do solo.

Preparar aqueles que se dedicam a esse labor, inculcando-lhes desde cedo o interesse pelos progressos e inovações que vão se registrando nos centros de experimentação científica, é o que visa a organização dos clubes rurais. E afim de levar aos seus membros outros tantos benefícios do conhecimento humano noutros campos de atividade, recebem eles orientação segura nos trabalhos a que se entregam, tanto os diretamente ligados à agricultura e pecuária, como os que tratam dos afazeres puramente domésticos.

E' assim um mixto de aprendizado agrícola e de iniciação social através de uma agremiação que no decurso de trinta anos

tem produzido notáveis resultados, familiarizando meninos e meninas do campo com os novos métodos de criação de gado e de aves; de aproveitamento do leite e seus derivados; de seleção de reprodutores; de beneficiamento do solo, por meio de fertilizantes; de construções rurais e hidráulica agrícola (irrigação e drenagem), etc. Apreendem a cultivar hortas e jardins, a lidar com maquinaria agrícola, a costurar e aproveitar tudo quanto possa servir para melhorar o conforto doméstico, e a distinguir o valor dos comestíveis que devem entrar num bom regime alimentar.

Há regularmente várias competições por meio de concursos, nos quais são concedidos prêmios e menções honrosas que servem de emulação aos jovens camponeses. Dos prêmios também constam viagens e visitas a museus agrícolas e florestais, a estações experimentais, fazendas modelos, congressos e convenções agrárias. Anima-se nos sócios o espírito de economia, fazendo-os reservar parte do que ganham no trabalho para aplicação futura no aperfeiçoamento de estudos ou para inverter em seu próprio proveito.

Tão bem sucedida tem sido a ação dos 4-H Clubs entre a juventude rural norte-americana que nas demais repúblicas do hemisfério a idéia está encontrando aplicação com a criação de clubes similares.

Dentre as representantes desses clubes, em recente visita aos Estados Unidos, destaca-se a Sra. Carmen Campos de Carmona, diretora de um dos clubes rurais femininos da Venezuela. Sua missão foi estudar detalhes da organização dos clubes norte-americanos que possam ser aplicados em sua pátria. Esteve no Tennessee, observando os trabalhos manuais das famílias de montanhese da região; em Nova Jersey, trocando idéias com vários especialistas em nutrição, ora prestando serviços nos clubes locais; e noutros pontos

(Continúa)



Jane Dudderar, do condado de Frederick, Estado de Maryland, pondo em prática as lições aprendidas no clube







A Dra. Clara Sambaquy (à esquerda), especialista brasileira em nutrição, acompanha a Sra. Celia S. Hissong, dirigindo-se para uma reunião dos clubes rurais realizada no Estado de Mississippi



Fazendo demonstração prática aos membros de um clube rural do uso das panelas para cozimento sob pressão. Em baixo: Cinco ex-socias de clubes rurais americanos, servindo atualmente como cadetes-enfermeiras, relatam suas impressões do curso que estão fazendo para trabalhar nos hospitais do Exército e da Marinha. Muitas se apresentam com conhecimentos sobre nutrição adquiridos nos clubes



do país, onde teve ocasião de relatar o grande desenvolvimento dos clubes venezuelanos, denominados Clubes 5-V, cuja fundação data de 1938, também sob os auspícios do governo da República. Para impulsionar a obra desses clubes há atualmente em cada Estado os serviços das estações experimentais e os postos de demonstração agrícola.

Em 1944 havia na Venezuela 75 clubes femininos, com 2.547 membros, e 66 clubes masculinos, com 1.800 sócios, crescendo o interesse pelo seu programa de ensino e divulgação de conhecimentos práticos.

Em Cuba os clubes já contam 10.000 sócios que se reúnem em convenção especial uma vez por ano, exibindo numerosos trabalhos manuais. No Haiti o governo procura animar a sua organização mesmo nos pontos mais afastados, como meio de disseminar e popularizar conhecimentos necessários a todos.

### Expandindo os fins

O Chile e o Peru também contam com seus clubes rurais. O governo peruano caba de publicar as novas instruções expandindo os objetivos de seus clubes. O Chile comissionou a Srta. Gladys Gomien para fazer, junto ao Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, um estudo detalhado da organização dos clubes norte-americanos, afim de dar aos clubes chilenos a maior expansão compatível com as conveniências locais.

No Brasil, o interesse também avulta. O Dr. Edison Cavalcanti e a Dra. Clara Sambaquy, durante sua recente estada na América do Norte, tiveram ocasião de estudar vários aspectos da organização dos clubes americanos, notadamente no Mississippi e na Georgia.

E enquanto aumenta nas demais repúblicas americanas o número e os objetivos desses utilíssimos grêmios juvenis da moderna agricultura, nos Estados Unidos procura-se aumentar o número de associados dos clubes já existentes, desenvolvendo, em grande escala a produção do seu trabalho—desde a produção de legumes até a de ovos, aves animais de corte. Cuida-se também, com especial interesse, da conservação de produtos alimentícios, por processos domésticos geralmente conhecidos, mas nos quais sempre há úteis inovações cujo conhecimento é facilitado a todos pelos especialistas do Departamento da Agricultura.

Para ter-se idéia do proveitoso esforço realizado pelos jovens camponeses norte-americanos na produção de mantimentos basta mencionar o fato de que, no ano transato, o total dessa produção alcançou uma quantidade suficiente para dar sustento a um milhão de soldados, no período de um ano inteiro.

Esta contribuição é de importância capital nesta época em que a nação em peso mobiliza febrilmente todas as suas forças produtivas para satisfazer as necessidades militares e as da sua população civil.

### A contribuição urbana

Tão acentuada tem sido essa urgência que já se tornaram popularizadas as "hortas da vitória", patriótica contribuição de milhões de cidadãos norte-americanos, mesmo residentes nos perímetros metropolitanos. Quem dispõe de quintal, ou de qualquer nesga de terreno, não dispensa mais o cultivo dos seus canteiros, com auxílio de grande variedade de fertilizantes que facilitam o processo de tratamento do solo.

A guerra evidentemente emprestou maior significação ao trabalho a que se dedicam os clubes rurais norte-americanos. Mas seja em tempo de paz ou em tempo de guerra, os juvenis do campo aprendem a observar, na execução da sua louvável tarefa o credo associativo em todos os Estados Unidos: "Sirvo-me da minha cabeça para pensar com retidão; do coração, para agir com lealdade; das mãos, para servir e trabalhar melhor, e da saúde para viver sempre digna e honradamente pelo meu clube, pela minha comunidade, pela minha pátria, em qualquer circunstância".

# MAESTRO VILLA-LOBOS

## MOMENTOSA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

A PRIMEIRA visita de Heitor Villa-Lobos aos Estados Unidos, feita recentemente, despertou no vasto público apreciador da música um extraordinário interesse, pois todos sentiam-se honrados de poderem afinal ouvir e ver pessoalmente o grande maestro e compositor brasileiro cujos trabalhos tanto admiram.

E por apreciar a aclamada habilidade técnica e gênio ciador do famoso musicista, o público norte-americano o recebeu com calorosos aplausos por ocasião do seu aparecimento regendo orquestras sinfônicas.

Causou igualmente excelente impressão o fato de bater-se Villa-Lobos pelo desenvolvimento de uma escola musical genuinamente americana. Acentuando o seu ponto de vista nesse sentido, o inspirado intérprete da alma brasileira declarou: "A América precisa tornar-se uma força musical pelo seu próprio valor. Compete-lhe fazer a sua contribuição ao progresso espiritual do mundo."

Embora rendendo as mais assinaladas homenagens e profundo respeito aos grandes compositores europeus, Villa-Lobos incitou os compositores do nosso hemisfério a apreciar e expressar a grandeza da sua própria terra.

"A América de há muito que se tornou independente da Europa," lembrou o maestro. "A América já se tornou uma grande força política, econômica, material e militar no mundo moderno. Deve agora se tornar independente culturalmente." Assim se impunha à admiração e respeito do público nos Estados Unidos um artista que se apresentava com todas as características de um *self-made man* profundamente irmanado com o grande ideal de elevar música ao mais alto grau de cultura e apreciação.

### O homem e a obra

As circunstâncias que muito cedo na vida fizeram-no enfrentar, como orfão de pai, os encargos do sustento de sua família, valendo-se dos seus dotes de consumado pianista, robusteceram-lhe no espírito a visão de grandes e merecidas conquistas no campo da arte que tanto o encantava. E os dez anos que passou pelo interior, pela selva e pelo sertão, consumaram-lhe na alma susceptível às mais belas inspirações o vigor com que se arrojava a dar à sua pátria e ao mundo as grandes expressões de um talento de seleção.

A sua presença em Paris, já reconhecido compositor, "não para estudar, mas para mostrar o que já tinha feito", conforme declarou com genuína franqueza, revela a grandeza de um espírito afeito aos páramos da originalidade, infenso aos liames das imposições tradicionais.

Villa-Lobos não somente insita as Américas a "comporem música americana", de técnica e variações instrumentais e corais americanas; anima-as também por força da sua própria obra de incansável compositor — mais de 1.400 trabalhos, inclusive cinco óperas completas, dezto bailados, seis sinfonias e dez poemas sinfônicos. Suas polifonias escritas para dez,



Heitor Villa-Lobos não é somente um compositor de fama universal e interprete musical de sua terra e de seu nobre povo; é igualmente o inspirado e dinâmico dirigente da educação musical da juventude brasileira

vinte ou cem vozes, têm sido adaptadas para orquestras de centenas de professores e corpos corais de milhares de vozes.

Novas e estranhas a princípio para os norte-americanos, essas melodias brasileiras já constituem agora parte de apreciado realce nos programas orquestrais nos Estados Unidos, e os inúmeros entusiastas da música de Villa-Lobos aguardam com desusado interesse a oportunidade de vê-lo e ouvi-lo durante a sua *tournee* no país a realizar-se este ano.

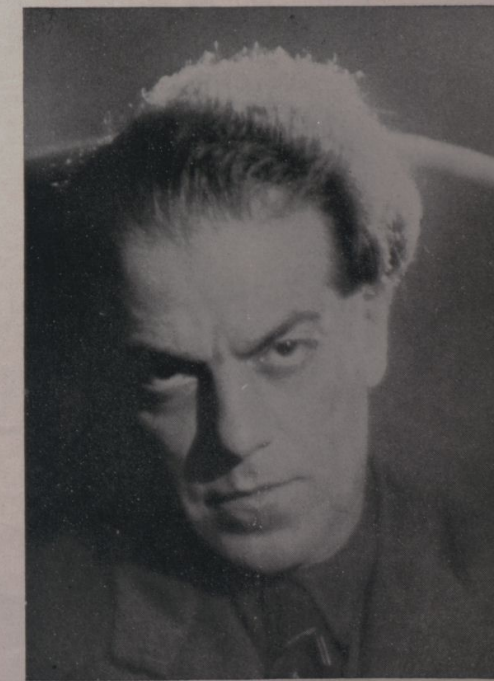
A sua visita de agora foi a aceitação de um convite de 20 anos feito por famosos vultos da arte musical nos Estados Unidos — Arturo Toscanini, Leopoldo Stokowski, Walter Damrosch, Arturo Rodzinsky e tantos outros.

O compositor brasileiro terá indubitavelmente uma interessante influência nos círculos musicais norte-americanos tradicionalmente convidativos ao intercâmbio de idéias renovadoras. Propugnador da valorização dos motivos americanos nas composições americanas, o consagrado intérprete dos costumes e coisas de sua terra vê-se naturalmente prestigiado pelo apóio unânime de quantos, no Novo Mundo, animam o movimento criador da nossa própria expressão musical.

A natureza, os ideais e o ritmo da vida nas Américas clama pela interpretação artística de seus próprios filhos. Somente eles poderão transmitir através de sua inspirada criação a expressão cósmica do nosso ambiente.

Com o maestro Villa-Lobos comungam, pois, milhões de apaixonados da música nos Estados Unidos. Admiram a sua obra e a influência do seu gênio artístico na música moderna.

"A arte deve ser sempre uma expressão da natureza através da humanidade, e nunca uma imposição do homem através do seu temperamento" — é o seu credo







Thomas Benton, em seus murais do Palácio do Congresso do Estado de Missouri, condensou vários aspectos da história local, desde seus primeiros tempos

## O Cenário no Centro-Oeste

HÁ uns vinte anos, muitos pintores norte-americanos, exaltando sua preferência pelo romantismo e pondo de lado, por julgarem ser banal, a interpretação da vida quotidiana, foram inspirar-se, estudar e pintar no ambiente europeu. Dos que ficaram, três, em 1928, surgiram do centro-oeste para surpreender os meios artísticos com a apresentação de trabalhos que tipificavam nitidamente aspectos que lhes eram de há muito familiares — as granjas, os montes e os vales, os campos e as planícies, as vilas e cidades da vasta área fundamentalmente agrícola que se distende ao longo das ribanceiras do rio Mississippi.

Os três artistas, Grant Wood, de Iowa; John Steuart Curry, de Kansas, e Thomas Benton, de Missouri, alcançaram fama rapidamente, como precursores de um movimento essencialmente regionalista, a fixar com as mais ricas expressões da moderna pintura, em estilo brilhante mas livre de imposições, detalhes da vida e da terra norte-americana.

Todos os três inspirados intérpretes do cenário de sua pátria apresentavam extraordinária similaridade em vários passos de suas respectivas carreiras. Como que a emprestar-lhes autoridade no sentimento de sua arte, havia a circunstância de terem todos nascido e se criado no interior, no ambiente das fazendas, em íntimo contato com a natureza. Todos fizeram o curso de desenho e pintura no famoso Instituto de Arte, de Chicago; serviram como simples soldados durante a primeira guerra mundial, a foram depois aprimorar seus conhecimentos em Paris, onde se demoraram estudando a trabalhando.

Em 1926, Wood regressou aos Estados Unidos, cheio de vigor e entusiasmo. Sua progenitora inspirou-o então a realizar um de seus mais famosos trabalhos, "Mulher com plantas", servindo-lhe de modelo. Em vários outros quadros seus, ela aparece tipificando a mulher pioneira do centro-oeste. Da mesma época é também sua famosa tela "Stone City", em que predominam as curvas fugidias, numa correção de desenho pa-

ciente e firme, e um colorido que impressiona pela vivacidade. Este quadro constituiu a base de uma série de paisagens estilizadas que causou grande furor, dividindo opiniões apreciativas da sua técnica.

John Steuart Curry destaca-se pelas suas cenas pungentes de tempestades e enchentes, e de animais em ação. Em muitos de seus quadros teve uma inspiração retrospectiva, recordações de episódios dos tempos de sua meninice. Um dos mais expressivos de sua primorosa técnica, "John Brown," retrata um personagem histórico, ardoroso abolicionista norte-americano.

Thomas Benton tornou-se o mais prolífico dos três, com uma bagagem fulgurante de famosos quadros e murais. Nasceu nas cercanias dos montes Ozark, em Missouri, e alguns de seus trabalhos interpretam com notável maestria e sinceridade tipos regionais montanhese. Seus murais na Escola de Estudos Sociais e no Museu Whitney, de Nova York, e no Palácio do Congresso de Missouri e de Indiana, são baseados em aspectos dos primeiros tempos da colonização do oeste americano.

Os três celebrados artistas partilharam sempre a mesma opinião ao aconselharem seus discípulos a "interpretar somente o que sentem e conhecem, aquilo que tem sido parte de sua própria vida."

Wood morreu em 1942, mas Benton e Curry continuam entre os mais apreciados reveladores de motivos genuinamente americanos. Nem todos os críticos são acordes nos méritos dos seus trabalhos, mas o público em geral tem-lhes patenteado as maiores provas de admiração. A técnica do desenho que eles estilizaram tem refletido significativa influência nos cenários cinematográficos, na arte comercial e em numerosas outras aplicações decorativas. Além disto, vieram divulgar a paisagem e atraentes detalhes da vida de uma das regiões mais interessantes do país, contribuindo para a formação de uma consciência artística verdadeiramente nacional. Definiram, enfim, a pintura americana sob influências locais.



"O Mississippi", de John Steuart Curry, é o impressionante episódio da luta de uma família de negros vítima duma das enchentes periódicas do grande rio

"Stone City", de Grant Wood, apesar de suas predominantes curvas para expressar uma idéia preconcebida, retrata fielmente a paisagem do oeste





# PANORAMA NACIONAL

A VISITA DE JORNALISTAS LATINAS-AMERICANAS À FRENTE INTERNA NOS ESTADOS UNIDOS

**F**OI bastante expressiva do progresso jornalístico nas repúblicas americanas a visita que um grupo de senhoras que labutam na sua imprensa fez aos Estados Unidos. Deu ensejo para evidenciar mais ainda a grande contribuição intelectual da mulher latina na obra de aproximação continental, através da imprensa.

Durante essa excursão na América do Norte estava-lhes, porém, reservada uma surpresa especial na grande cidade metalúrgica de Cleveland, Ohio. Foi por ocasião de sua visita à Escola Lincoln, cujo interior se achava lindamente decorado com bandeiras de todas as nações das Américas, estando presente a banda escolar que recebeu as visitantes ao som de "La Golondrina" e do "Tango panamericano." Dentre as alunas destacouse uma que saudou em espanhol as ilustres jornalistas. Em seguida, várias alunas, cada uma representando as cores do pavilhão nacional de cada jornalista, percorreram ligeiramente sobre a importância cultural e econômica das nações americanas e a relevante contribuição que estão fazendo para a vitória das Nações Unidas.

Foi assim, pois, que as jornalistas latinas verificaram que mesmo no distante centro-oeste, afastado das ligações oficiais interamericanas, a juventude escolar estava também participando na colaboração de tempo de guerra das repúblicas americanas — uma participação que promete tornar-se de crescente importância na solidariedade continental em tempo de paz.

Previamente, onze grupos de jornalistas da América Central e do Sul visitaram os Estados Unidos, mas esta era a primeira vez que o elemento feminino da sua imprensa fazia uma excursão à América do Norte, a convite do Coordenador de Assuntos Interamericanos e do Clube Nacional Feminino da Imprensa, de Washington.

As jornalistas visitantes foram as Senhoras Elsa de Barrios, diretora da revista "Proa," de Quezaltenango; Gloria de Padilla, editora de "Azul", da cidade de Guatemala; Raquel de Castro, diretora de "Vida y Salud", de Lima; Aurora de Ramirez, diretora do programa de rádio "Tribuna

**Outro** ponto visitado pelas ilustres jornalistas foi a histórica residência de George Washington em Virgínia. Conservada como uma preciosa relíquia nacional, a moradia encerra em seu terreno o túmulo do primeiro presidente dos Estados Unidos. Ao local afluem milhares de visitantes todos os anos



**A visita** à grande represa de Norris, uma das principais fontes de força elétrica no vale do Tennessee, marcou a primeira etapa na excursão que várias jornalistas das outras nações americanas fizeram recentemente nos Estados Unidos

Feminina", de Quito; e Senhoritas Lenka Fraunulic, da "Revista Ercilla", de Santiago, Piedad Levi Castillo, correspondente de "El Telegrafo", de Guayaquil, e Laura de Arce, diretora do programa de rádio-difusão "La Mujer de Hoy en las Américas", de Montevideo.

Partindo do extremo sul, passando pelo centro-oeste em direção ao norte e ao leste, percorreram os Estados de Tennessee, Kentucky, Iowa, Illinois, Minnesota, Ohio, Massachusetts e Nova York, terminando sua visita na capital, em Washington. Em suas visitas às universidades de Minnesota, de Northwestern e de Harvard, às escolas públicas e museus, as jornalistas puderam verificar que apesar da concentração de todos os esforços no objetivo da vitória, nos Estados Unidos, o interesse educacional e cultural está recebendo um grande impulso e desempenhando um papel de alta significação na vida da nação. Nos hospitais, orfanatos, nos centros vocacionais e recreativos, e nas instituições de serviço sanitário e social, viram os cuidados devotados ao bem-estar de todos, sobretudo as crianças. Neste particular foram visitadas numerosas instituições católicas. Como convidadas do centro de instrução do Corpo Auxiliar Feminino do Exército, em Fort Des Moines, Iowa; em Fort Knox, Kentucky e no centro de instrução naval de Great Lakes, em Chicago, tiveram ensejo de observar diversas fases da intensiva preparação militar. Passaram 24 horas no Corpo Auxiliar Feminino do Exército, acompanhando interessantes aspectos da vida do grande centro de instrução.

Viram ainda outras demonstrações da mobilização da mulher no trabalho de guerra — mulheres em overalls dirigindo-se às fábricas, mulheres trabalhando nos entrepostos ferroviários; dirigindo auto-táxis, e ainda em cargos de grande responsabilidade no comércio, na indústria e na administração pública.

Como genuínas jornalistas, as visitantes, em todos os pontos de seu itinerário tinham como primeira preocupação a imprensa, e esta foi de fato o seu primeiro contato. Grandes jornais e revistas organizaram recepções e visitas, facilitando-lhes detalhada observação da vida jornalística norte-americana. Em Washington, puderam acompanhar os correspondentes e repórteres em suas reportagens às duas casas do Congresso, à Casa Branca e a vários ministérios. Coincidindo a sua presença nos Estados Unidos com a campanha presidencial, este foi outro fato de extraordinário interesse para elas.

O próprio dia do memorável sufrágio foi-lhes de desusada curiosidade, pois visitaram as cabines eleitorais, acompanharam os resultados da sensacional votação e estiveram na sede regional de ambos os dois grandes e antigos partidos políticos — Democrata e Republicano.



**Durante** a recepção na qual a Sra. Franklin Roosevelt, esposa do presidente, deu as boas-vindas às jornalistas latinas-americanas como membros honorários do Theta Sigma Phi, o clube de mulheres jornalistas americanas. Vemos, da esquerda para a direita: Srta. L. de Arce, do Uruguai; Srta. L. Franulic, do Chile;

Florence Taaffe, presidente do clube; Edith Gaylor; Sra. E. de Barrios, da Guatemala; Sra. Roosevelt; Sra. R. D. de Castro, da Perú; Srta. P. L. Castillo e Sra. A. de Ramirez, do Equador, e Sra. G. de Padilla, da Guatemala. A visita a Washington marcou o fim da longa excursão das jornalistas latinas

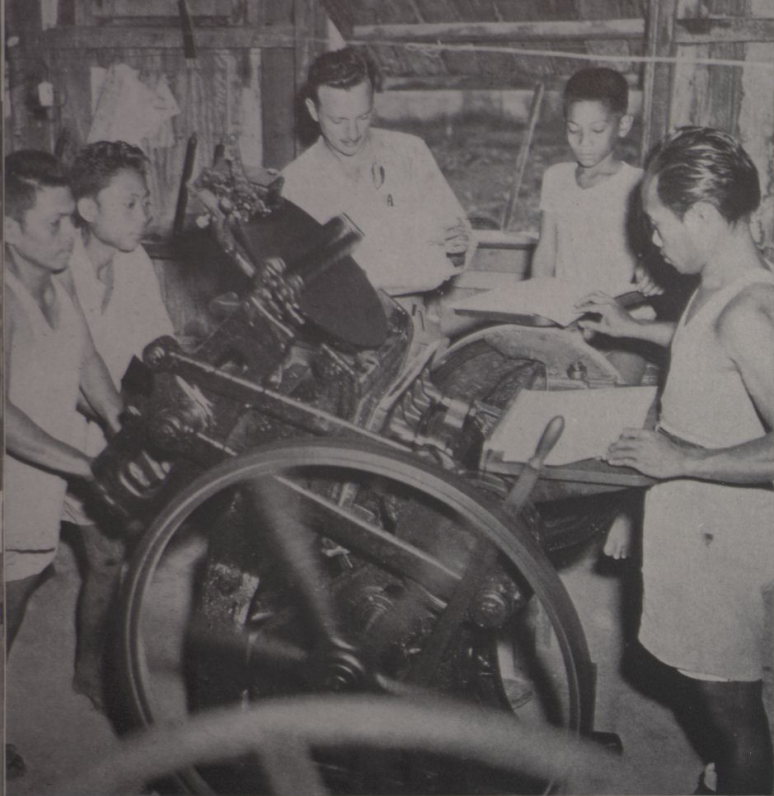
**O Monsenhor** James H. Griffiths ao receber em nome do comitê católico interamericano, as jornalistas latinas-americanas na visita que fizeram ao Convento do Sagrado Coração, na cidade de Nova York



**Em Fort** Des Moines, Iowa, centro de instrução do Corpo Auxiliar Feminino do Exército. Em sua visita, as jornalistas informaram-se sobre a organização e treinamento do Corpo Auxiliar, cujos serviços são dos mais assinalados nos departamentos militares, no país e no exterior







**Livres** novamente para sabermos da verdade através de uma imprensa livre, os filipinos podem agora recrudescer seus esforços a bem dos seus próprios destinos como povo independente

**O Presidente** Sergio Osmeña, das Filipinas, reabre os cursos escolares da ilha de Leyte. Vêmo-lo durante a abertura das aulas da Academia do Menino Jesus, no arrabalde de San José



# O RENASCIMENTO DAS ILHAS FILIPINAS

O REGRESSO DAS FÔRÇAS AMERICANAS AO ARQUIPÉLAGO, CONFORME PROMETERAM

*O General de Brigada Carlos P. Romulo, comissário residente das Filipinas nos Estados Unidos, descreve no seguinte artigo o retorno do General Douglas MacArthur e do Presidente filipino Sergio Osmeña à sua pátria; o que foi a resistência dos seus compatriotas contra os dominadores japoneses, e os passos já tomados para restaurar a vida em sua normalidade nas áreas libertadas.*

Nestas últimas semanas de nosso regresso ao solo das Filipinas temos visto os pavilhões dos Estados Unidos e das Filipinas novamente sobre a nossa pátria; temos falado com o povo que, desde 7 de dezembro de 1941, há três anos completos, lutou, esperou e orou com os norte-americanos. E' o meu próprio povo, e é a ele que diz respeito o que tenho a relatar.

E' a história da inquebrantável fé de um povo nos Estados Unidos, fé que se tornou mais expressiva ainda em face da inqualificável brutalidade do inimigo durante um longo período de humilhação e sofrimento. E' a história da resistência da população civil filipina. Iniciada sem direção militar, desenrolou-se dia a dia, alastrou-se de ilha em ilha como um dos movimentos subterrâneos mais espetaculares do mundo. E' a história de um governo no exílio que volta à pátria e assume o governo civil das mãos dos militares sem sofrer os choques de dissidências internas que estamos presenciando em muitos dos países libertados na Europa. E', enfim, a história da irmanação em sangue de dois povos de duas raças diferentes mas de um só nível humano. E' bem a história da própria democracia em ação, num vivo exemplo. Eram dez horas. As chatas de desembarque estavam a

postos, as escadas de corda pendiam do costado do navio e os soldados começaram a desembarcar. Eram moços americanos, sadios, robustos, educados, bem equipados com tudo que lhes era necessário, com tudo para protegê-los na luta que iam enfrentar. Na derradeira noite a bordo dirigi-me a eles através do alto-falante, lembrando-lhes que tivessem bem viva a memória daqueles que tinham morrido em Batâm. Agora, que partem para a refrega, vejo-os de cima da ponte. Com um sorriso viçoso e ar destemido, olham-me e exclamam: "Por Batâm!"

E continuam desembarcando, em grande número. Vimos pelos binóculos, e o meu estava turvado porque eu sabia que muitos deles não voltariam. As águas da baía de Leyte estavam repletas de chatas e barcaças. Algumas eram atingidas pelo fogo do inimigo e sossobravam. Poucos dos combatentes que as ocupavam conseguiram chegar à terra. Vimos as primeiras baixas, empilhadas nas chatas, trazidas para bordo dos navios. Em terra, nossos soldados estavam munidos de tudo, até lança-chamas e poderosos tanques.

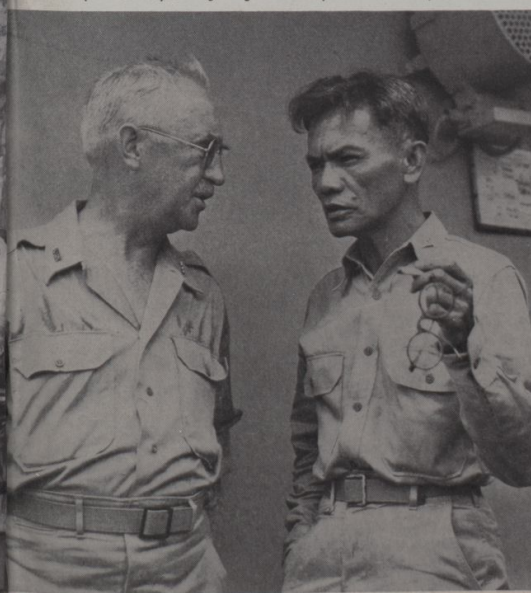
Continuava tremenda a pressão das nossas forças, lutando entre árvores e palmeiras que os japoneses tinham derrubado para usá-las como barricadas. O inimigo agora ia sendo levado em contínua recuada, tanto quanto podiam alcançar os nossos binóculos. Sômente aqueles que caíam feridos na praia ou náguas não podiam participar do avanço, que se revelava decisivo.

Há também a história daqueles que lutaram no começo, sem terem uniformes, sapatos, armamentos, alimentos ou esperança. A sua coragem de muito nos ajudou em Leyte. As forças norte-americanas e essas forças secretas filipinas fizeram pela primeira vez a sua ligação em Leyte. Enquanto nossas forças de mar, de terra e aéreas levavam de vencida os japoneses, as guerrilhas estavam sincronizando a sua ação na retaguarda, não sômente nesta ilha, mas em tôda parte no arquipélago das Filipinas.

Isto não é uma cruzada tentada ao azar. E' a vitória planejada. Temos estado em ativo contato com os filipinos desde

(Continúa)

**O Coronel** R. A. Kangleon (à direita), chefe dos guerrilheiros filipinos de Leyte e agora governador provisório da importante ilha



**Um pequenino** filipino, vítima inocente das barbaridades japonesas, recebe de enfermeiros norte-americanos os primeiros curativos e alimentação. Em baixo: Jovens estudantes filipinos libertos finalmente da dominação niponesa deleitam-se com "ice cream" durante uma festa por eles organizada na sua escola







Impressionante cena da libertação da ilha de Leyte, na qual combateram milhares de jovens providos de tôdas as camadas sociais, contra um inimigo ardiloso e cruel. A sua retirada deixou um rastro trágico de morte e ruína, em vasta área

**Passo** a passo, pelo mato denso e por árduos caminhos, o exército libertador avança resolutamente contra todos os obstáculos opostos pelas forças japonesas



Batam. Os guerrilheiros filipinos, animados pela sua lealdade para com os Estados Unidos, abandonaram seus lares, suas famílias, seus haveres, enfim, tôdas as seguranças que ainda podiam ter, para viverem no mato e nas tocas, como animais, lutando quando podiam, arriscando a serem capturados a todo momento pelos japoneses e sujeitados às mais cruéis atrocidades. Muitos morreram torturados.

Os guerrilheiros filipinos sabiam de tudo quanto os Estados Unidos estavam preparando e planejando, e todos ajudavam e aguardavam os acontecimentos. Estavam prontos para receber o Presidente Osmeña e o seu governo civil. Cada filipino sabia do falecimento do Presidente Quezón, nos Estados Unidos; que o Presidente Osmeña o tinha substituído no exílio, e que os norte-americanos iam trazer o Presidente Osmeña para o seu posto, nas Filipinas.

Também em Leyte encontramos os primeiros guerrilheiros americanos, soldados e civis que tinham escapado à fúria dos japoneses, e que lutavam ao lado dos filipinos há dois anos e meio. A esses americanos, os filipinos dispensaram todo o amparo possível, pois do contrário não teriam podido sobreviver duas horas em liberdade. Soubemos de episódios que lembram aqueles impressionantes movimentos subterrâneos do tempo da guerra civil americana, como os numerosos casos em que americanos eram escondidos de casa em casa, sempre na frente dos japoneses que lhes iam furiosamente no encalço, enquanto que até pequeninas crianças filipinas

arriscavam a vida para protegê-los. Muitos filipinos foram mortos a pancadas porque se recusavam a delatar o esconderijo de norte-americanos, em sua constante evasão aos ardis do inimigo, ansioso de capturar para matar. Alguns destes americanos estão agora aqui, e outros não tardarão a chegar.

Os primeiros atos do governo filipino, ao reassumir autoridade sobre as áreas libertadas, foram reabrir as escolas e as igrejas. Deus e o conhecimento, juntamente com a imprensa, retornaram livres às Filipinas. As igrejas não haviam sido fechadas, mas permaneciam sob a vigilância da polícia, e todos os sermões estavam sujeitos à censura dos japoneses.

A presença do inimigo foi o retrocesso de tôdas as conquistas da civilização nas Filipinas. Meus compatriotas eram tratados com constante brutalidade. Os japoneses tudo faziam para enfraquecer fisicamente os filipinos. Agora pode observar-se os efeitos desse plano diabólico. O povo demonstra os sofrimentos por que tem passado; as crianças ressentem-se de vitalidade, estão a pedir cuidadosa atenção, pois só assim se poderá fortalecer uma nova geração que desponta.

Espiritualmente, os japoneses também tudo fizeram para alquebrá-los. Mas a religião cristã manteve firme o filipino em sua igreja, assim como a sua fé política o mantinha leal aos Estados Unidos. Não lhes era possível resistir à fome, mas puderam e souberam resistir à pobreza da alma. A grande e heróica resistência fez das Filipinas uma nova nação.



**Logo** que se verificou o desembarque dos americanos, os guerrilheiros filipinos a eles se reuniram na caça sistemática aos atiradores de tocaia inimigos

#### A BATALHA DE LUZÓN

Levou três anos, mas quando as forças dos Estados Unidos voltaram à ilha de Luzón, nas Filipinas, foi com a maior armada e o maior conjunto aéreo da história do Pacífico. Mais de 800 navios, constantemente apoiados pela aviação, transpuseram as mil milhas que distam da ilha de Leyte, na parte meridional das Filipinas, passando por estreitos canais e arriscados mares abertos, para efetuar o desembarque das tropas na maior e mais estratégica ilha do arquipélago—a ilha que os Estados Unidos foram obrigados a abandonar aos invasores japoneses, em 1942.

Retornando a Luzón, conforme prometeram, as poderosas forças dos Estados Unidos estabeleceram firme cabeça de ponte sob o comando pessoal do General do Exército Douglas MacArthur, avançando depois para a libertação das Filipinas e domínio da área do sudoeste do Pacífico. Em Luzón as forças americanas estão a apenas 490 milhas da ilha Formosa, a 520 milhas de Hong Kong e a 1.980 milhas de Tóquio.

**A guarnição** dum lança torpedeira auxiliada por filipinos, em canoas, dá busca em procura de sobreviventes da segunda batalha do mar das Filipinas







Na Secretária de Estado em Washington: Os representantes das Nações Unidas dão as boas-vindas a mais um membro — a heróica França libertada

## A França Reune-se às Nações Unidas

**E**M primeiro de janeiro de 1945, dia em que se celebrava o terceiro aniversário da Declaração das Nações Unidas, representantes de várias repúblicas americanas, da Inglaterra, Rússia, China e outras nações, reuniram-se em Washington, no Salão de Conferências da Secretaria de Estado dos Estados Unidos. O propósito da reunião foi dar as boas-vindas a um novo membro no concêrto das Nações Unidas—a França libertada.

O Embaixador francês Henri Bonnet subscreeu o histórico documento, segundo o qual as nações signatárias se unem em idênticos propósitos e contribuem com seus recursos para alcançar a vitória na guerra e o estabelecimento de uma paz justa e duradoura. Ao recordar os sofrimentos do povo francês durante as duas guerras mundiais, o Embaixador Bonnet declarou ser de imperiosa necessidade a união de todos os povos pacíficos para fazer frente a qualquer ameaça futura de agressão. E ponderou:

"Para vencer as inevitáveis dificuldades que se seguirão a esta mais horrível das guerras, as Nações Unidas deverão permanecer fortes e bem organizadas, tal como têm estado através destes longos anos de tremendas provações e grandiosos triunfos."

O Sr. Edward R. Stettinius Jr., Secretário de Estado evocou a heróica resistência da França durante os anos da invasão nazista, concluindo:

"O mundo inteiro sabe que o povo francês sempre esteve em espírito e em ação, ao nosso lado. Ainda há muito que fazer e muitas dificuldades a vencer, tanto para ganhar a guerra como para alcançar a paz que todos nós desejamos."

O Embaixador francês Henri Bonnet no ato de assinar a Declaração das Nações Unidas. A histórica cerimônia coincidiu com o terceiro aniversário do estabelecimento da Declaração como princípio básico dos aliados. Ao lado do embaixador está o Secretário de Estado Edward Stettinius



## ESPÔSAS ESTRANGEIRAS



Australianas, espôsas de soldados norte-americanos, ao chegarem com seus filhinhos a San Francisco da Califórnia, de onde seguiram para suas casas

**C**ORTA as águas da baía de San Francisco da Califórnia um cinzento navio mercante, rumando pesadamente para a doca, como se na exaustão de suas últimas forças. Na coberta, ao longo da amurada, se acotovela mulheres e crianças, contemplando com extraordinária curiosidade e interesse a vista que se descortina, para elas completamente estranha. São as espôsas e filhos de norte-americanos que servem nas forças armadas de sua

pátria e que contrairam matrimônio em território estrangeiro. Veem de distantes lugares, de plagas remotas, para estabelecer seus lares em solo da América do Norte. Este é um acontecimento que se repete freqüentemente em San Francisco, em Nova York e outros portos, porque ao amor pouco importa a guerra: os idílios ocorrem onde quer que se encontrem os moços.

Quando terminou a guerra passada, já tinham aportado aos Estados Unidos oito mil mulheres, consortes de militares norte-americanos, procedentes principalmente da Inglaterra e da França. Muitos filhos desses matrimônios estão a ajudar nesta guerra a libertação da terra em que nasceram, e estão se batendo nos mesmos campos de batalha em que lutaram seus pais.

Quanto à presente guerra, já chegaram aos Estados Unidos 35.000 mulheres casadas no estrangeiro com soldados e marinheiros norte-americanos. Na maior parte procedem da Inglaterra e da Austrália, onde os Estados Unidos têm mantido forças estacionadas há mais de três anos.

Citemos como exemplo o caso de uma jovem australiana que vivia na cidade de Perth e ficou noiva de um soldado americano. Este pediu licença aos seus superiores para contrair casamento. As autoridades militares dos Estados Unidos não concedem a permissão a não ser que os pretendentes já se conheçam por espaço de seis meses. Enquanto isso, é verificada a si-

tuação econômica e os antecedentes do noivo. Concedido o consentimento oficial, efetuou-se o casamento. Como o soldado ia ser transferido para outro ponto na área do Pacífico, pediu permissão para que sua espôsa pudesse entrar nos Estados Unidos, onde ia residir com seus sogros, aguardando o regresso do espôso.

A permissão foi dada e a jovem espôsa partiu para Brisbane, na Austrália, afim de esperar o navio que a conduziria para os Estados Unidos.

(Continúa)

Um capitão de Infantaria de Marinha e sua espôsa, da Nova Zelândia, em seu lar, nos E.E.U.U.







**Através** dos bons ofícios da Cruz Vermelha Americana estas jovens australianas casadas com americanos fazem a viagem para seus lares na América do Norte. Na gravura à direita: Um soldado de Infantaria de Marinha dando as boas-vindas ao seu filhinho nascido na Austrália. A cena passa-se em San Francisco

A espera foi muito longa, porque são muito escassas atualmente as probabilidades de conseguir passagem. Esta incerteza é realmente uma das maiores preocupações das mulheres recém-casadas com os combatentes norte-americanos. Contudo, as dificuldades não parecem abater a esperança e os casamentos continuam sendo como que uma das eventualidades da guerra. Num período de quatro meses durante o ano de 1944 foram recebidos em Washington dois mil pedidos de entrada de esposas no país. A obtenção da licença, entretanto, é apenas o primeiro passo na longa viagem; o mais difícil é conseguir a passagem. Os navios disponíveis são cuidadosamente contados, de forma que se acumulam nos portos de embarque centenas de mulheres, aguardando a oportunidade que parece tardar tanto. Nos navios transportes que regressam, as passagens são muito limitadas, e quanto aos navios mercantes que fazem escala nos portos da Austrália, Nova Zelândia e outros pontos do Pacífico, são em número insuficientes para transportar todas as candidatas cujo número, naturalmente, tende a aumentar.

Sómente na Austrália casaram-se dez mil soldados americanos. Na Inglaterra o total já chegou a 20.000, mas o transporte da Europa para a América não é tão difícil, porque há muito maior número de navios fazendo a travessia do Atlântico do que a do Pacífico.

A sorte também desempenha seu papel tradicional, favorecendo mais a umas que a outras. Por exemplo, um soldado que se casou na Inglaterra e recebeu ordem de regressar aos Estados Unidos, obteve permissão para viajar em companhia da esposa, e agora vive em Nova Jersey. Estes casos, porém, são raríssimos. Quase todas as esposas têm que fazer a viagem sozinhas, depois de muito esperar em algum porto na Itália, da Islândia, Inglaterra ou no Pacífico.

Quando o navio chega ao porto de destino as autoridades procuram ajudar as recém-vindas em todas as complicações que se apresentam ao estrangeiro que pisa outras terras pela primeira vez. A Cruz Vermelha Americana recebe aviso prévio da chegada e envia auxiliares para atenderem às passageiras.

Aquelas que tem que fazer longas viagens para o interior do país de frontam também outros problemas, tais como o despacho de bagagem, as baldeações nas estradas de ferro, a alimentação dos filhinhos, etc. São dificuldades que às vezes aumentam quando o percurso a fazer é maior do que o antecipado e o dinheiro torna-se insuficiente. Mas, felizmente para elas, a Cruz Vermelha está sempre atenta para todas estas eventualidades, tomando imediatas providências sobre passagens, hospedagem, etc. Em muitos casos proporciona acomodações, roupas e brinquedos para as crianças. Em San Francisco a organização dispõe de um amplo salão de repouso, facilitando também alimentação àquelas que esperam condução para o interior. São peripécias de viagem que elas jamais esquecerão.



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências. Capas e contracapas, respectivamente: Marinha dos EE.UU., Int., Springfield-CAI, Acme. Páginas do texto: 1, 2, Harris & Ewing, Int., 3, PA, Acme, 4, Acme, H. & E., 5, Acme, 6, 7, Engineering News Record, 8, H. & E. Acme, 9, Acme, Int., 10, Richard Tucker (de Graphic House), 12, PA, Charles Phelps Cushing, 13, PA, 14, 15, Julien Bryan, Theodor Preisling, Brazilian Govt. Trade Bureau, 16, Acme, PA, 17, PA, 18, Acme, Int., 19, H. & E., 20, Int., Acme, PA, 21, Acme, 22, Acme, Int., 23, 24, Acme, 25, Int., 26, H. & E., 27, PA, H. & E., 28, E. C. Hutton, G. W. Ackerman, Acme, 29, Allen Haden, Wilenski, 30, H. J. Knapp (de PIA), 31, Cortesia do City Art Museum de St. Louis, Cortesia da Society of Liberal Arts Joselyn Memorial, Omaha, 32, 33, Coordenador de Assuntos Interamericanos, 35, 36, Acme, Press Association, Harris & Ewing, 38, Acme, International, 39, Acme, Press Association, Int., 40, Acme.